



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

**LEITURA IMPRESSA E DIGITAL ENTRE OS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA**

Brasília

2018

ANA CAROLINE SILVEIRA BARROS

**LEITURA IMPRESSA E DIGITAL ENTRE OS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA**

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque.

Brasília

2018

Barros, Ana Caroline Silveira.
Leitura impressa e digital entre os estudantes da
Universidade de Brasília / Ana Caroline Silveira Barros – 2018.

61f.; 30 cm.

Orientadora: Prof^a. Kelley Cristine Gasque. Monografia em
Biblioteconomia (graduação). – Universidade de Brasília, Faculdade de
Ciência da Informação, Curso de Biblioteconomia, 2018.

1. Livro impresso. 2. Livro digital. 3. Leitura no Ensino
Superior. 4. Leitura. I. Gasque, Kelley Cristine. II. Título.



Título: Leitura impressa e digital entre os estudantes da universidade de Brasília.

Aluna: Ana Caroline Silveira Barros.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 19 de junho de 2018.

Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque - Orientadora
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutor em Ciência da Informação

Greyciane Souza Lins – Membro
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Flor de Maria Silvestre Estela – Membro externo
Mestre em Ciência da informação

DEDICATÓRIA

Dedico essa monografia, à minha amada filha Beatriz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, pela saúde e por não ter me deixado desistir, sem ele nada seria possível.

Aos meus pais, minha mãe Cida, por sempre ter me ajudado com a minha filha. E ao meu pai, que sempre me incentivou e deu o suporte para os meus estudos.

À minha pequena Beatriz, que é meu maior incentivo e força de todos os dias.

À professora Kelley Gasque, que se dispôs a me orientar e auxiliar no que foi preciso.

À UnB, e em especial ao departamento de desenvolvimento social, que me forneceu suporte e auxílio para a minha permanência na universidade.

À banca examinadora, pelas contribuições acerca do meu trabalho.

“É impossível progredir sem
mudança, e aqueles que não mudam suas
mentes não podem mudar nada.”

George Bernard Shaw.

RESUMO

Esta pesquisa trata da leitura impressa e digital entre os estudantes da Universidade de Brasília. O referencial teórico abordou temas como o livro digital, o livro impresso e leitura no ensino superior. O trabalho teve como objetivo principal analisar o interesse da leitura impressa e digital entre os estudantes da Universidade de Brasília e também tem o intuito de compreender e analisar a utilização dos livros impressos e digitais entre os estudantes nos dias de hoje. Os objetivos específicos são basicamente: identificar o perfil dos estudantes; identificar o uso dos livros impressos e digitais; identificar os obstáculos para a leitura do material digital e descrever os motivos que influenciam a redução da leitura impressa ou da digital. A metodologia da pesquisa tem caráter quantitativo, por ser mais objetivo e de baixo custo e a coleta dos dados foi realizada mediante questionários aplicados com estudantes de diversos cursos da Universidade de Brasília no ano de 2016, o universo da pesquisa foi composto por 75 estudantes. Os resultados da pesquisa mostraram que os estudantes lêem mais em suporte impresso e que cada leitor prefere um suporte ou o outro, analisando benefícios ou males que cada um pode causar, e conseqüentemente ao que mais se adequa à sua preferência de leitura.

Palavras-chave: Livro impresso; Livro digital; Leitura; Ensino Superior.

ABSTRACT

This research deals with printed and digital reading among the students of the University of Brasilia. The theoretical framework addressed topics such as the digital book, printed book and reading in higher education. The main objective of this work was to analyze the interest of the printed and digital reading among students of the University of Brasilia and also aims to understand and analyze the use of print and digital books among students today. The specific objectives are basically: to identify the profile of the students; identify the use of printed and digital books; identify obstacles to the reading of digital material and describe the reasons that influence the reduction of printed or digital reading. The methodology of the research has a quantitative character, being more objective and low cost and the data collection was done through questionnaires applied with students of several courses of the University of Brasília in the year 2016, the universe of the research was composed of 75 students. The research results showed that students read more in print and that each reader prefers one or the other, analyzing the benefits or ills that each can cause, and consequently the one that best suits their reading preference

Keywords: Printed book; Digital book; Reading; Higher Education.

SUMÁRIO

1 Introdução	11
2 Problema	12
2.1 Objetivos	12
2.1.2 Objetivo geral	12
2.2.2 Objetivos específicos	12
3 Justificativa	13
4 Revisão de literatura	14
4.1 Livro impresso	14
4.2 Livro digital	21
4.3 Leitura no Ensino Superior	30
5 Metodologia	38
6 Apresentação e análise dos resultados	40
6.1 Apresentação dos resultados	40
6.2. Análise dos resultados	47
7 Considerações Finais	51
Referências	52
APÊNDICE A	58

1 Introdução

A história do livro inicia-se na antiguidade, com o surgimento da escrita, do papiro, pergaminho, códice e com o surgimento das primeiras bibliotecas. No entanto a disseminação do hábito da leitura entre a população intensifica-se a partir da invenção da prensa de Gutenberg, em 1450. Os livros impressos foram elementos essenciais para a construção do conhecimento.

As novas tecnologias encontram-se cada vez mais presentes no cotidiano. Crescem também o número de suportes digitais para leitura de livros e textos. As novas tecnologias da informação instauram uma nova fase da história da leitura. Com a crescente popularização da internet, novas configurações se estabelecem, e essas mudanças influenciam no processo de leitura e no perfil do leitor através de técnicas novas de leitura e de escrita, que ocasionam novos pensamentos e novas atitudes (GONÇALVES, 2010).

Este estudo tem o intuito de compreender e analisar a utilização dos livros impressos e digitais entre os estudantes nos dias de hoje. Supõe-se que a mudança nos suportes de leitura pode gerar mudanças nas formas de leitura. (CHARTIER, 1999). Realizou-se um estudo de caso, dos estudantes da Universidade de Brasília sobre a utilização da leitura impressa e eletrônica. A presente pesquisa possui abordagem de natureza quantitativa. E investigou os conceitos de livro impresso, livro digital e leitura no Ensino superior com aplicação de questionário em 75 estudantes.

Parte-se do princípio que de acordo com Moraes (2012), o leitor dos textos digitais mudou a forma de leitura, que já não está ligada à materialidade do livro, nem com o passar das folhas, é uma prática que exige leitores muito mais ativos, que antes de interpretar o sentido do texto, para ler na tela, é preciso enviar comandos ao computador e para isso é preciso conhecer as ferramentas da máquina ou o suporte utilizado. O digital e o impresso continuam dividindo espaço. Analisou-se também o interesse dos estudantes pelos dois suportes de leitura, e os motivos pelos quais não utilizam um ou outro.

2 Problema

Como ocorre a leitura impressa e digital entre os estudantes da Universidade de Brasília?

2.1 Objetivos

Este estudo propõe atender ao objetivo geral e aos objetivos específicos a seguir.

2.1.2 Objetivo geral

Analisar como ocorre a leitura digital e impressa entre os estudantes da Universidade de Brasília.

2.2.2 Objetivos específicos

- Identificar o perfil dos estudantes da Universidade de Brasília.
- Identificar o uso dos livros impressos e digitais.
- Identificar os obstáculos para a leitura do material digital
- Descrever os motivos que influenciam a redução da leitura impressa ou da digital.

3 Justificativa

É importante estudar sobre a questão da leitura digital e o aumento das novas tecnologias, pois, por muitos anos a leitura predominante ocorreu somente por meio de material impresso. No entanto com a emergência de novos suportes e formas de leitura, questiona-se como ocorre a leitura em ambos os suportes.

De acordo com Gasque e Tescarolo (2004), Nos dias de hoje o número de informações é cada vez maior. Com isso a sociedade parece unir a grande produção de informações, a uma intensa utilização de tecnologias eletrônicas em rede e um difícil processo de constante aprendizagem. .

O papel do livro impresso nas gerações passadas foi de grande importância e continua sendo, pois foi o maior responsável por disseminar, trazer conhecimentos e criar um grande vínculo com a leitura. Uma das maiores vantagens de ler em material impresso é que ele pode ser lido em diferentes circunstâncias e lugares. Porém, é normal do ser humano buscar alternativas mais modernas que o manual e optar pelo digital. (LOPES,2011).

De acordo com Machado (2016), os livros digitais cada vez mais aparecem no mercado e estabilizaram-se como uma boa opção para os leitores e estudantes. Das empresas que dispõem de livros digitais para venda no Brasil, estão disponíveis cerca de 30 mil livros em língua portuguesa no país, e somando com os em inglês o número sobe para 1,4 milhões de livros digitais. Além do mercado de livros digitais, os livros didáticos nessas plataformas, também aumentou, em 2014 cerca de 380 mil professores utilizavam *tablets*, o que possibilitou o acesso a plataformas digitais de livros didáticos. Há vantagens para quem utiliza esse formato como, por exemplo: custam 30 % a menos que os impressos, não é preciso o corte de árvores para a produção de papel. É possível baixar inúmeros textos em um só aparelho, não tem o problema de acabar a bateria e não tem peso. São grandes benefícios e até por economia, os *ebooks* tendem a crescer no mercado nacional.

Esta pesquisa buscou responder aos problemas propostos ou ampliar as formulações teóricas a esse respeito. Foi realizado um estudo de caso, por meio da análise da opinião dos estudantes da Universidade de Brasília em relação à utilização da leitura impressa e eletrônica. O objetivo não é definir qual é a forma de leitura mais adequada, ou melhor, mas sim, diagnosticar e debater a opinião do público estudado.

4 Revisão da literatura

O presente capítulo trata da revisão de literatura sobre a leitura impressa e digital. A revisão de literatura pretende identificar as principais questões estudadas na referida área por meio de levantamentos e análises de artigos, pesquisas, estudos, sobre as novas tecnologias, os obstáculos para o uso delas, bem como perspectivas futuras. Para tanto, foram investigados os principais tópicos: o livro impresso, livro eletrônico e leitura no ensino superior.

4.1 Das tabuletas ao livro impresso

De acordo com Mesquita (2008), existem inúmeros conceitos para o livro. Ele possui em um registro gráfico de informações, não periódico, pode ser estudado ou interpretado, como uma profunda significação cultural. As manifestações gráficas ao longo da história da humanidade passaram por diversas fases até chegar à forma atual do livro e a evolução desses processos gera características socioeconômicas e culturais de suas épocas.

Os primeiros registros escritos datados de 4.000 a.C. marcam o fim da Pré- história e o início da História da humanidade. A primeira escrita denominada pictográfica era definida a desenhos, e/ou “escultóricos”, relativos a esculturas, como manifestações de uma mensagem sem referência a sua forma lingüística propriamente dita. Eles eram feitos sobre pedra, argila ou madeira, sendo considerados materiais pesados, de difícil manuseio e armazenamento (MESQUITA, 2008).

Para Santos (2012), o livro na antiguidade grego romana, era um rolo de papiro, que em latim chamava-se “volúmen”. Esse rolo ou “volúmen” era uma longa faixa de papiro, que o leitor lia em pé e utilizava com as duas mãos. Assim não era possível ler e fazer anotações ao mesmo tempo, o que atualmente já acontece.

A partir do ano 2.400 a.C. o papiro começou a ser utilizado no Ocidente, primeiramente, no Egito. Era utilizada a parte interna, branca e esponjosa, do caule do papiro, cortado em finas tiras, logo após, molhadas, sobrepostas, cruzadas e prensadas (MESQUITA, 2008).

De acordo com Santos (2012), a planta originária do Egito, o papiro, foi por muito tempo suporte da escrita. Do caule retiravam-se finas lâminas que eram colocadas em camadas paralelas e sobrepostas por outras, e podia-se gerar uma substância compacta. O papiro foi o primeiro suporte “natural” da escrita.

Com o papiro, a cultura ganhou excelente instrumento de progresso. Adolf Erman, foi egiptólogo e lexicógrafo alemão e fundador da escola de egiptologia de Berlim, ele considera o papiro uma das plantas mais úteis do mundo, situando-a na economia egípcia, como matéria prima universal. É tão ou mais importante do que o bambu e o coqueiro na vida de outros povos, por substituir em grande parte, a madeira, da qual o país era carente (OLIVEIRA, 1984).

A folha obtida era martelada, alisada colada ao lado de outras folhas para formar uma longa fita que era depois enrolada. A escrita dava-se paralelamente a essas fibras. Apesar do engenhoso processo de "fabricação" do papiro ele foi usado durante muito tempo e ainda hoje guarda valiosos escritos daquela época (MESQUITA, 2008, p.2).

De acordo com Ferreira (2010), o papiro é uma planta que nasce ao redor de rios, que pertencem a flora egípcia, mas que também é produzida em outros países do Oriente. As folhas de papiro eram utilizadas apenas de um lado, e juntas umas às outras, assim formava-se os rolos. O papiro, como era muito procurado, tornou-se um material bem raro, caro e cada vez mais escasso.

Com a escassez do papiro, surgiu a oportunidade para um novo suporte o pergaminho. O pergaminho foi retirado do reino animal e fabricado na Idade Média. O couro de carneiro ou de cabrito era a matéria-prima, e era retirado com objetos cortantes, lavado, raspado e exposto ao sol para secar. Uma grande parte dos manuscritos medievais foram copiados nesse suporte (FERREIRA, 2010).

De acordo com Mesquita (2008), após o século I da era cristã, folhas de pergaminho passaram a ser agrupadas por sequência em páginas, costuradas e amarradas a tábuas de madeira, que funcionavam como capa, decoradas. Esse suporte deu origem aos primeiros livros. Para Machado (1994), o códice foi um formato característico de manuscrito, em que o pergaminho era retalhado em folhas soltas, reunidas em cadernos costurados ou colados em um dos lados, e encapados com um material mais duro. O *códex* era o nome que os cristãos utilizavam para se referirem às escrituras sagradas.

Para Klock (2014), a maioria dos historiadores atribui a Tsai Lun (105 D.C.), um dos ministros a serviço do Imperador Ho, como o primeiro a produzir papel por um processo a partir de casca de árvore e trapos, que deu início ao ciclo do produto conhecido como papel. De acordo com Ferreira (2010), o papel foi introduzido no mundo ocidental em meados do século XII e espalhou-se pela Europa entre os séculos XIII e XV. Os chineses usavam como suporte para escrita um material vindo da seda, chamado

também de papel de seda, que possuía valor bem menor do que o pergaminho e o papiro. No fim do século da era cristã, os chineses experimentaram o uso de novas matérias-primas para a fabricação do papel. Foram utilizados alguns materiais como casca de plantas, resíduos de algodão e outros, dentre eles o mais importante, a fibra de celulose, pois é dela que é formado o papel. Houve ainda um preconceito com o papel, por ser bem mais frágil que o pergaminho e com uma durabilidade menor também.

De acordo com Febvre e Martin (1958), o papel não apresentava certamente as mesmas qualidades externas do pergaminho. Ele era mais fino, além disso com aspecto de algodão, pensava-se que era feito de algodão, tinha menos firmeza e rasgava-se facilmente.

Febvre e Martin (1958) ainda consideram que, os manuscritos continuaram a ser transcritos em pergaminho pelos estudantes e pelos copistas, pelo desejo de usar um material sólido e resistente para garantir aos textos maiores possibilidades de duração. Para fazer papel, água pura e um quilo de papel exigia por volta de 2000 litros. Um fator determinante para a preservação dos papéis é a boa qualidade da utilizada na produção. Além disso, o trapo era um material essencial para fazer o papel.

Os chineses introduziram fábricas de papel em países orientais. Os árabes, conseguiram fazer ligação do produto com alguns países europeus, assim a chegada do papel no Ocidente foi bem fácil. O papel era pouco conhecido e pouco utilizado na Europa ocidental. No final do século XIV, tornou-se uma mercadoria bem procurada, e aos poucos, o preço do papel foi abaixando (FEBVRE; MARTIN, 1958).

De acordo com Santos (2012), o papel tem importância fundamental na difusão do livro manuscrito quanto do impresso. É possível notar a importância, quando se observa o barateamento do livro nos anos que se seguiram, com a utilização e logo após difusão desse novo suporte. O autor relata que:

A vantagem na fabricação do papel, em relação aos outros suportes, era a facilidade de obtenção do trapo, pelo menos nos seus primórdios, sua matéria prima. O pergaminho por outro lado, ainda que mais resistente, precisava ser obtido a partir da pele de um animal que deveria ser morto, para retirar a pele, e só depois processá-la. O papel como novo suporte do livro, possibilitará maior desenvolvimento do livro manuscrito e posteriormente também do impresso (SANTOS, 2012, p.25).

As inovações nas tintas e a impressão xilográfica prestaram contribuição para a divulgação da palavra impressa. Com a invenção e o aperfeiçoamento das técnicas de fabricação do papel, tornou-se possível a criação da imprensa (RODRIGUES, 2013).

4.1.3 Imprensa

No fim do século XV, Gutenberg inventou a imprensa e a tipografia. Johann Gutenberg deu novo impulso aos trabalhos de impressão com a invenção dos tipos móveis. Desde jovem Gutenberg interessava-se pela leitura. Com isso as tipografias europeias, começaram a fabricar tipos móveis feitos de chumbo fundido. Nessa época, os livros eram escritos à mão, e demoravam até serem finalizados, o preço era muito alto e muitas vezes as pessoas não conseguiam acesso. Gutenberg enfrentou dificuldades e problemas que quase o fizeram desistir, mas, mesmo assim, superou os fracassos e criou uma das mais importantes máquinas de todos os tempos. A prensa levou alguns anos para ser melhorada, mas Gutenberg persistiu na ideia de adaptar técnicas que já conhecia muito (CAMPOS, 2010).

De acordo com Linardi (2011), a técnica não foi a primeira, mas com certeza foi inovadora. Desde o século sete, calendários e livros sagrados eram impressos pelos chineses, que utilizavam cerca de 400 mil ideogramas talhados em madeira. Segundo Ferreira (2010), anteriormente à impressão de livros, os europeus reproduziam mecanicamente imagens em livros manuscritos. Era um procedimento feito nas oficinas de xilografia. O autor informa que a xilografia é semelhante à tipografia, são caracteres gravados em pranchetas de madeira, que reproduzem no papel, desenhos ou escritos, por meio de prensa manual e tipográfica. Dois métodos são empregados no processo de xilografia, sendo o clássico: em que os caracteres são lavrados horizontalmente nas fibras úteis e o método de fibra: em que a madeira é cortada em sentido horizontal em relação ao tronco, e lavrada com rubis usados em metais.

Gutenberg criou tipos móveis mais resistentes, que podiam ser reutilizados em outros trabalhos impressos. Para Campos (2010), a prensa de Gutenberg foi a primeira tecnologia de impressão em larga escala utilizada. Foi construída a partir do modelo da prensa de uva, que era usada em Mainz, cidade de Gutenberg na Alemanha.

Conforme Febvre e Martin (1958), graças à imprensa e à multiplicação dos textos, o livro deixou de ser visto como objeto precioso, que se consulta apenas numa biblioteca. Cada vez mais surgia o desejo de poder andar com ele e transportá-lo com facilidade para consultar ou ler em qualquer momento. O papel essencial da imprensa foi, até os últimos anos do século XV, difundir textos recentemente encontrados ou corrigidos pelos humanistas, e o de tornar conhecidos, multiplicando-os, os escritos pelos quais os homens da Idade Média entravam em contato com as letras clássicas.

Com o tempo, a indústria tipográfica alcançou toda a Europa. Por volta de 1500, havia oficinas impressoras em mais de 240 cidades europeias, com basicamente 28 mil edições. Febvre e Martin (1958), afirmam que a produção de livros no século XVI é muito grande, tanto que, o livro impresso torna-se acessível a qualquer um que saiba ler.

De acordo com Sá (2001), o livro cada vez mais ganhava um formato parecido com o de hoje, os primeiros livros impressos eram chamados de incunábulo e bem depressa tornaram-se populares, devido ao grande aumento de produção e assim houve o barateamento dos livros. Com o avanço das técnicas de tratamento de vários tipos de couro, os encadernadores cada vez mais especializavam-se e produziam capas mais requintadas.

No século XIX, a encadernação tornou-se um processo industrializado, foram utilizados papéis de gramatura e tecidos. Surgiram também as primeiras capas ilustradas, e o livro depois de tantos processos de aperfeiçoamento, passou a ter o formato atual, que é feito por capa, lombada e miolo. Para o ganho dos autores (editores, calígrafos, tipógrafos, encadernadores, diagramadores, ilustradores e etc.) começaram a ser determinados os direitos e propriedades sobre o texto. Com o avanço das técnicas de impressão e toda a sua evolução, a qualidade do aspecto do livro foi melhorada e desencadeou novas perspectivas para o livro impresso (SÁ, 2001).

A tipografia tornou os textos mais acessíveis, muito mais que na cultura escrita feita pelo pergaminho. Os autores exemplificam que chegaram ao mercado de trinta a trinta e cinco mil impressões diferentes, impressos entre 1450 e 1500. Com a tiragem média de quinhentos exemplares, obteve-se uma grande quantia de vinte milhões de exemplares impressos antes de 1500 (FEBVRE; MARTIN, 1958).

Na história da tipografia e do livro, Aldo Manuzio foi o profissional mais criativo e que influenciou para a consolidação da “arquitetura gráfica” do livro. Ele era tipógrafo e também livreiro. Algumas intervenções e aperfeiçoamentos no livro impresso foram realizados por ele neste período. Aldo Manuzio visualizou livros impressos de baixo custo. Criou o conceito de livro portátil para que as pessoas pudessem ler com mais conforto. O *design* dos livros criados por ele, deixou-os com uma estética mais moderna em relação aos livros impressos até aquele momento (SANTOS, 2012).

De acordo com Chartier e Cavallo (1998), na Idade Moderna, a leitura e a escrita estavam ligadas aos membros das elites. Ler e escrever era possível aos nobres e burgueses por serem mais ricos. A educação pública crescia nas sociedades mais ricas, assim o número de letrados também. Em 1454, o processo de fabricação e divulgação dos livros aumentou muito com a invenção da prensa, essa máquina tipográfica permitiu que o

processo de fabricação dos livros fosse disseminado. No século XVI, os textos impressos eram bastante simplificados para reduzir os custos com as fontes e despertar cada vez mais a fluência na leitura.

4.1.4 Disseminação de livros

Por volta de 1500-1510, a imprensa era destaque. Nas bibliotecas, os livros impressos deixavam os manuscritos cada vez mais para segundo plano; em 1550 eram consultados apenas pelos eruditos. A produção do século XVI atingiu uma grande dimensão, em que o livro impresso tornou-se, acessível a todos que sabiam ler. Ele desempenhava papel essencial na difusão dos textos da Antiguidade clássica, também contribuiu para fixar as línguas e favorecer o desenvolvimento das literaturas nacionais (FEBVRE; MARTIN, 1958).

Para Fischer (2005), o livro adquiriu grande representatividade como elemento de expansão de culturas. Pode ser considerado instrumento de libertação do homem por favorecer as classes mais pobres ao acesso ao conhecimento. Portanto, a informação impressa torna-se um dos maiores bens que a sociedade conquistou, pois possibilita a geração de conhecimentos.

Uma das dificuldades dos primeiros impressores foi a necessidade de criar uma rede comercial extensa a fim de vender com bastante rapidez uma quantidade suficiente de exemplares. O mercado do livro organizou-se muito rapidamente através da Europa. Os grandes editores, no decorrer do século XVII, adquiriram o hábito de publicar frequentemente os catálogos. Enquanto a imprensa periódica se desenvolvia cada vez mais, surgiram também vários jornais bibliográficos. Os livros impressos conservavam o seu interesse por muito mais tempo do que hoje (FEBVRE, MARTIN, 1958).

De acordo com Santos (2012), uma das obras mais impressas são as bíblias. Em 1546, apareceram mais de 3400 edições integrais ou parciais da Bíblia de Lutero em alto-alemão e cerca de 430 edições em baixo-alemão. A Bíblia de Lutero teve um grande sucesso na produção, daí começaram a surgir traduções em diversos países europeus. Na Holanda, a tradução mais popular foi publicada por Jacob van Liesvelt, em 1526. Na Dinamarca, uma versão dinamarquesa foi feita a pedido do Rei exilado Cristiano I. Em 1550, uma Bíblia completa foi publicada a mando do Rei Cristiano II. A Bíblia francesa verdadeiramente protestante foi preparada por Pierre Robert (Olivétan) e publicada em 1535. Mas, não somente Bíblias eram impressas, a impressão dos escritos de Lutero modificaram

a vida econômica de Wittenberg. Em 1517, essa cidade universitária possuía apenas com uma pequena oficina tipográfica.

O livro impresso, produto da tipografia do século XV, foi o instrumento de grande divulgação da fé e de diversos conhecimentos em geral. De acordo com Moraes (2012), a leitura é uma atividade presente e necessária em qualquer sociedade, mas as mudanças nas práticas de leitura acontecem de acordo com a comunidade, a cultura, o período, pois, os princípios e as concepções mudam constantemente. As ações e os hábitos dos homens influenciam a identidade da sociedade. As práticas e os hábitos de leitura mudam de acordo com o tempo e a cultura, o livro como produção cultural passa pelas transformações de sua época, trazendo a intenção do texto e também o interesse do leitor.

4.1.5 Vantagens do livro impresso

De acordo com Camargo (2010), os livros de papel não necessitam de energia, podem ser lidos por horas sem que a bateria acabe e podem ser emprestados sem nenhum problema. Algumas vantagens do livro impresso, são:

- Sensação de algo físico: Sensação de ter algo físico, nas mãos. O cheiro do livro a textura da página, podem aumentar a sensação de prazer na leitura.
- Concentração: O livro impresso auxilia a concentração, enquanto o digital pode dispersar mais facilmente.
- Cansaço: São menos cansativos, não possuem luz que possa cansar a visão.
- Não necessitam de energia
- Podem ser emprestados sem nenhum problema
- Acessado a qualquer momento e em qualquer lugar
- É possível grifar, fazer anotações e dobrar as páginas em qualquer momento.

4.2 Livro digital

Segundo Stumpf et al. (2011), o livro digital é uma grande quantidade de exemplares que parecem com o livro impresso, em que o leitor encontra páginas diagramadas com configurações como: uma bitola de texto, corpo X e entrelinha Y, numeração de páginas e etc. Esses exemplares geralmente são em PDF. Os três elementos que determinarão o modo como o livro será apresentado no ambiente virtual são: o formato do livro; o aplicativo de leitura e o dispositivo eletrônico.

Para Reis e Rozados (2016), pode parecer fácil definir *e-book*, é apenas um livro em formato digital. Porém, ainda não existe uma definição oficial de autoridades ou instituições reconhecidas como autoridades sobre o assunto. Para o autor o *e-book*, livro eletrônico, digital ou virtual, é um livro que existe exclusivamente em formato digital, não periódico, que precisa de um aparelho leitor e de um *software* para decodificação que possibilite a leitura. Pode conter texto, imagem, áudio e vídeo, permite a inclusão de comentários pelo leitor, também o controle e ajuste de nuances de brilho, cor e tamanho da fonte

Vassiliou e Rowley (2008, p.360) consideram que o livro eletrônico é um objeto digital de texto ou de outro conteúdo, que apresentam opções de referência cruzada e pesquisas, marcadores, anotações, *hiperlinks*, e o acesso a ferramentas interativas. A partir disso, pode-se definir os livros eletrônicos como recursos que possuem textos e que não se limitam a uma versão digital de textos impressos.

Para Reis e Rozados (2016), não existe consenso sobre a definição do livro eletrônico, a maioria entende que *e-book* é um livro em formato digital. A complexidade da definição acontece, pela ausência de normalização sobre o tema, sendo o livro eletrônico criado, produzido e comercializado, exclusivamente, em meio eletrônico ou digitalizado, em busca da preservação.

De acordo com Serra (2015), um livro eletrônico pode ser digitalizado: sendo os textos que foram digitados ou foram scaneados. Utilização de *hiperlink*: cópias dos livros impressos, mas com a inserção de hiperlinks que permitem a navegação dentro do próprio texto e livro eletrônico expandido: inclusão de recursos multimídia, com o texto, permitindo contato com outros conteúdos que agreguem ao texto.

Os livros digitais podem ser de três naturezas: Estático: cópias fiéis dos livros impressos, com mudança apenas da alteração do formato, não considerando se as páginas foram capturadas por meio de digitalização ou se a obra nasceu em linguagem eletrônica ou

digital. Dinâmico: O conteúdo do livro eletrônico é diferente da versão impressa, com alterações ou atualizações ocorrendo de forma automática, sem o lançamento de uma nova edição, podendo contar também com recursos da Web. Expandindo: o conteúdo da versão eletrônica conta com recursos multimídia, de interação etc (SERRA, 2015, p.50).

As possibilidades de navegação, dependem do *software* que será utilizado para a abertura do arquivo, pois são vários tipos de *readers*, a interação de cada dispositivo varia de um para o outro. Por exemplo no arquivo em formato de PDF, há várias possibilidades de interação, como: navegação por página, uso de localizar, uso do hipertexto, e até *link* para ampliação de imagens. O *ePub* é uma tendência universal de formatação dos *eBooks*, a principal característica dele é a possibilidade de ajustar o texto à tela do dispositivo, a formatação não é estática e simples, como é no formato em PDF. E o formato *ePub* também apresenta diversas formas de navegação, que depende dos recursos que estarão disponíveis no *reader* (STUMPF ET AL. 2011).

De acordo com Dziekaniak (2010), Há cada vez mais investimentos no *ebook*, para de uma forma, melhorar e aperfeiçoar as funções que superem o suporte em papel. É possível que o leitor folheie as páginas igual no impresso, controle a luminosidade, também a opção de aproximar ou afastar o texto com o zoom, tudo isso atrai os leitores de alguma forma. Há também modelos de *ebook* que permitem conexão com a web sem precisar de fio.

O mercado de livros eletrônicos está crescendo de forma rápida, a inclusão deles nos acervos é realizada de forma gradual. O conceito do livro tradicional com a inclusão dos recursos multimídia permitem uma leitura ampliada e não unicamente a elementos textuais. E com o crescimento dos livros eletrônicos, aumentam também o surgimento de dispositivos de leitura (SERRA, 2015).

Segundo Castro (2012), a tecnologia é um dos principais meios de transformação das sociedades atualmente, a política, economia, saúde, educação todos esses setores são influenciados pela tecnologia, podem sofrer alterações ou adaptações diante das inovações tecnológicas. O mundo da comunicação digital instaura um elevado número de informações, o que gera nova relação com os textos.

O livro digital cada vez mais conquista espaço, e o mercado editorial se expande muito, com a grande variedade de dispositivos móveis, tablets, e muitos livros em formato digital, estão cada vez mais acessíveis e presente na vida das pessoas, por ser um chamativo pela portabilidade e fácil acesso à informações (SANTOS, 2017).

Com a evolução dos modos de leitura, são modificados os gestos e também o hábito da humanidade. Além do livro impresso, o leitor possui o livro digital. Isso muda o contato físico que o leitor tinha com o livro de papel e passa a ser o leitor e uma tela. A internet, incrivelmente, proporciona uma grande interatividade, com diversos textos e livros produzidos no mundo inteiro.

4.2.1 A Internet

A internet é um conjunto de redes em escala mundial de milhões de computadores interligados pelo protocolo TCP/IP que permite o acesso a transferência de dados e a informações. Qualquer organização ou pessoa pode participar da internet, incluindo empresas privadas, governos, escolas e organizações. Para acessar a internet é preciso: computador, software compatível com a internet e provedor de acesso a internet (PROJETO ESPORTE E CIDADANIA, 2013).

A internet é a maior rede de computadores ligados entre si do mundo. É uma gigantesca rede de comunicação. Em casa, pelo computador é possível receber informações, sons, imagens, textos e etc., de diversos lugares do mundo. É possível pesquisar vários assuntos, conhecer países, bibliotecas, conhecer pessoas, jogar e descobrir inúmeros programas (PROJETO ESPORTE E CIDADANIA, 2013).

A internet instaura novos modos de se conduzir as informações, de produzir conhecimento, de se estabelecer o contato entre o leitor e o texto, assim ocorrem transformações na prática específica da leitura. Também, com a rede é possível novas possibilidades de publicação, organização e maior divulgação da informação (CASTRO, 2012).

Basicamente, a internet é “a rede das redes”, um conjunto de redes de computadores interligadas entre si que proporcionam acesso a informação através de variadas formas de comunicação. A rede de computadores internet, surge ao final da década de 60 nos EUA, como um projeto de defesa, diante uma possível interrupção das linhas de comunicação. A primeira rede chamava-se ARPANET. O nome Internet, surgiu mais tarde, quando a tecnologia da ARPANET passou a ser usada para conectar universidades e laboratório, primeiro nos EUA e depois em outros países. Hoje milhões de computadores estão conectados na internet por meio do *World Wide Web* que a tornou mais simples e mais adequada para arquivos com imagem, som e animação (GUEDES, 2007, p.73).

De acordo com Lévy (2000), em 1991, surgiu a *World Wide Web* (WWW), ou simplesmente *web* como é denominada. WWW corresponde a Internet hoje: interfaces gráficas que possibilitam o acesso a músicas, sons, animações tridimensionais ou não, textos, filmes e etc. A introdução da WWW trouxe a GUI (*graphics user interface*) para a internet e propiciou um grande crescimento nos últimos anos, permitindo a transmissão de imagens e qualquer tipo de caráter ou sinal gráfico. A cada dia que passa muitas pessoas estão conectadas à rede, e variadas interfaces gráficas diferentes são desenvolvidas.

De acordo com Tait (2007), durante algumas décadas, a Internet ficou restrita ao ambiente acadêmico e científico. Em 1987, pela primeira vez foi liberado o uso comercial nos EUA, mas em 1992 que a rede tornou-se comum, começaram a aparecer nos EUA, várias empresas que promoviam acesso à internet. O surgimento da Web alavancou o uso da internet. A web nasceu em 1991 no laboratório CERN, na Suíça, o criador Tim Berners-Lee, a definiu como uma linguagem que serviria para interligar computadores do laboratório e outras instituições de pesquisa e exibir documentos científicos de forma simples e fácil de acessar. O uso da Internet começou a ser difundido pela sociedade e 1990, o acesso era restrito para quem podia pagar para utilizar, e nem todas as pessoas podiam comprar um computador.

De acordo com Rocha e Cavalcanti (2017), em 1970 foi lançado o primeiro computador pessoal, com visual gráfico e interfaces, lançado pela *Apple*. A *web 2.0 conference*, foi uma conferência realizada para aumentar a confiança do mercado em torno da *web*, nesse estágio era possível as pessoas publicarem conteúdo online, e com isso surgiram os blogs, contribuindo para a chegada do novo estágio a web 2.0. As redes sociais da internet foram a grande revolução da *Web 2.0*, com o surgimento do *Orkut*, *twitter* e *facebook* a comunicação foi muito facilitada, o que possibilitou grande troca de informações. A *web 2.0* caracteriza-se por fortalecer as formas de publicação, organização e disseminação das informações e na navegação aumentar a interatividade entre as pessoas.

No Brasil a internet está cada vez mais presente na vida das pessoas, a web representa um elemento muito importante para a sociedade em geral, cerca de 80 milhões de brasileiros já possuem acesso à rede, e a maior parte dessas pessoas já fazem o uso nas próprias casas. Atualmente começa a nascer um outro conceito de internet, a web semântica, que seria um projeto em construção impulsionado por algumas empresas, essa nova web talvez surja em meio as que já existem, seria uma tecnologia em que as máquinas, seriam munidas de Inteligência e não somente obedecessem aos comandos (ROCHA E CAVALCANTI, 2017).

Antigamente para reunir um grupo de pessoas em torno de um tema, no objetivo de construir um texto ou projeto, era necessário as pessoas se encontrarem (ou enviar as ideias pelo correio). Hoje, facilmente, pode-se reunir via Internet, em videoconferências, em chats, e-mail e etc (LÉVY,2000).

A Web representa um dos grandes avanços da comunicação humana, pois é possível o contato com inúmeras informações, em um período muito rápido e a pessoa pode estar multiconectada transmitindo informações, dentro de várias possibilidades de conexão, as informações são distribuídas e interligadas pela rede. Com certeza, a troca de obras do meio impresso para o meio eletrônico permite uma grande facilidade e outras opções de acesso.

Não há como falar de tecnologia e não mencionar os hipertextos, como o nome já diz, *hiper* significa: posição superior, acima. De acordo com Dalmaso e Mielniczuk (2012), o hipertexto é um documento textual, e a estrutura possui vários elementos linguísticos e textuais adquiridos do digital. Esses elementos propiciam novos formatos para o ato de ler. O hipertexto fornece muitas possibilidades como, interagir e explorar símbolos e palavras que mudam de cor ou permitem uma facilidade de manuseio com apenas um clique. De acordo com Fachinetto (2005), o hipertexto vai além do texto, pode oferecer algo a mais, sendo que é possível uma utilização mais dinâmica por conta do uso do computador. Permite também o acesso ilimitado a outros textos de forma rápida. Por meio do hipertexto no contexto eletrônico, o leitor escolhe como navegar e o que fazer, os textos podem ser lidos em qualquer ordem.

Ocorreram mudanças no cotidiano das pessoas, com os avanços na tecnologia, o que ocorre das pessoas enxergarem o mundo de forma diferente ao utilizarem a internet como um dos principais meios de informação e comunicação, para adquirir e espalhar conhecimento. Com relação mais próxima com a internet e com as redes, a tecnologia faz com que as pessoas interajam cada vez mais nas redes sociais, tornando a internet a rede de comunicação mais utilizada (PHEULA, 2016).

De acordo com Santos (2017), o ambiente tecnológico, agora instaurado, modificou consideravelmente a sociedade da informação, é muito fácil obter e transmitir informações em um curto período de tempo. E os hábitos das pessoas conseqüentemente mudam também, pois dispõem de muitos dispositivos tecnológicos, que têm se tornado mais acessíveis e difundidos.

Com o texto digital, não é preciso utilizar lápis ou canetas, é diferente até a datilografia, pois é possível inserir imagens, cortar, colar com muito mais facilidade. O

hipertexto exige algumas habilidades como de busca e navegação, pois com a Internet buscar é preciso, é importante saber o que busca, encontrar e selecionar as informações que são importantes para os objetivos da pesquisa. O hipertexto pode ser considerado como uma forma textual de muita importância na atualidade (COSCARELLI, 2009).

De acordo com Castro (2012), no hipertexto existem ligações, nos quais os pontos de entrada podem ser palavras, imagens, ícones e a leitura pode ocorrer em muitas ordens, pois são muitas entradas e muitas opções de como prosseguir, há muita liberdade para o leitor na hora da navegação pelas informações. O leitor atualmente tem a possibilidade de ler, de forma diferente de como se lia somente com o texto impresso. Alguns leitores necessitam de tempo para adaptar-se a essas mudanças e acomodar um grande número de informações, que conseqüentemente mudam seus hábitos e percepções de acordo com as novas formas de leitura.

4.2.3 E-book

O universo dos livros logo se uniu ao Universo digital, e assim surgiu o *e-book* significa *eletronic book*, que em português quer dizer livro eletrônico. Um *e-book* é um arquivo digital de conteúdo informacional, normalmente com texto predominante, mas que permite também a apresentação de outros formatos, como áudio ou vídeo (TELLES, 2016)

De acordo com Dziekaniaka et al. (2010), a idéia do *e-book* como mostram Earp e Kornis (2005, p. 146): “uma grande coleção estruturada de bits, que podem ser transportados em CD-ROM ou outros meios de armazenamento ou pela rede e que se destinam a ser vistos em alguma combinação de *hardware* e *software*”, ou seja, um livro, artigo, *paper*, qualquer documento que possa ser visualizado através de aparelhos e *softwares* para a leitura. Existem várias formas de visualização de *e-books*. A mais utilizada é o computador, possui maior número de usuários do que a máquina *e-book*. Outras formas de leitura para o documento eletrônico ainda são encontradas e a cada dia sua popularidade cresce, como o *personal digital assistant* (PDA), telefones celulares e até mesmo aparelhos de MP4, *ipods*, e outros dispositivos que possuem uma tela de cristal líquido capaz de reproduzir áudio e vídeo e exibir imagens.

De acordo com Telles (2016), para ler um *e-book* é preciso um *software* específico, em computadores, ou de um aplicativo, em dispositivos móveis. Tudo vai depender do tipo de arquivo que é o *e-book*. Um só *e-book* pode ser apresentado em diferentes tipos de arquivo. É como uma imagem digital, que poderá ser um JPEG, GIF, PNG ou em outros

formatos. Cada formato ou tipo de arquivo tem sua particularidade e cada *software* que executa este arquivo, também. Normalmente, um mesmo *software* executa diversos formatos, mas isso não é uma regra.

O primeiro leitor digital que se conhece é o computador, os primeiros dispositivos para leitura de livros digitais datam de 1998, são o *Rocket ebook* e o *Softbook*. A *Amazon* começou a comercializar livros digitalizados em 1995. O *Kindle* foi uma grande novidade, foi lançado em 2007 e hoje é uma referência da tecnologia (AMOROSO, 2009). Esses dispositivos tem várias funções, que são diferentes do suporte em papel, como luz própria para a leitura

Para Telles (2016), um dos formatos mais comuns de e-book é o PDF, é possível encontrar um e-book em PDF em uma única consulta no *google*. O PDF traz uma apresentação do livro bem parecida à representação impressa. É possível executar este tipo de arquivo em vários programas: navegadores *web (browsers)*, *e-book readers*, também Adobe Reader. Qualquer computador lê e qualquer *smartphone* ou *tablet* também. O EPUB é outro formato, significa *eletronic publication*, foi criado especificamente para *e-books*, ele é baseado em HTML, a linguagem de *sites* da internet que o navegador exibe. Ele lê o arquivo de texto e apresenta ajustado à tela, sem precisar arrastar para o lado para terminar de ler o parágrafo. Com o EPUB, é possível continuar a leitura de onde parou, fazer anotações, acessar *hiperlinks* no texto, pesquisar termos, ajustar o tipo do texto, alterar o tamanho das cores, contrastes, espaçamentos e etc.

O formato eletrônico assim como o impresso tem as suas vantagens e desvantagens, o *e-book* também apresenta restrições e avanços no processo de leitura e escrita. De acordo com Dziekaniaka et al. (2010), uma das grandes vantagens do livro eletrônico é a busca por palavra-chave. Que auxilia e facilita a recuperação de um assunto desejado, através de indexação eletrônica, assim economiza o tempo do leitor. Também é possível visualizar obras e documentos raros, pois muitas se encontram disponíveis na internet e digitalizadas, como por exemplo a carta de Pero Vaz de Caminha, da forma que foi escrita.

A principal desvantagem é que não é um formato de arquivo popularizado, especialmente no Brasil. Não é como o PDF que qualquer dispositivo possui um leitor nativo. Para executar um EPUB é preciso pesquisar um leitor de EPUB e instalar no dispositivo. Outro formato é o MOBI, é um formato de arquivo proprietário de *Amazon*, desenvolvido para ser executado em leitor de *e-books*, o *kindle*. E mais formatos de *e-book* também são: DOCX, RTF, TXT,HTML (TELLES, 2016).

Devido aos desconfortos que a leitura na tela ocasiona, por isso pode ocorrer a baixa aceitação do *e-book*. A leitura sobre a tela é cansativa e incomoda os olhos. Mas, considera-se o *e-book* uma tecnologia de informação e comunicação que agrega valor à leitura, também a criação de acervos de baixo custo, a facilidade de acesso a obras *on-line*. No entanto ressalta-se que uma tecnologia não impede a existência da outra. Pode-se acessar um artigo científico via *e-book*, mas também apreciar um livro em papel (DZIEKANIAKA ET AL., 2010).

4.2.3 Direitos autorais

A primeira lei sobre direito autoral foi na Inglaterra em 1710, que foi conhecida como Lei da Rainha Ana, em que a propriedade dos exemplares dos livros impressos era destinada aos autores. O direito autoral é um ramo do direito privado que protege a criação e a utilização de obras literárias, teatrais, musicais e científicas. Os direitos autorais englobam os direitos do autor e os direitos conexos que são vinculados aos artistas, intérpretes, produtores e outros profissionais que produzem obras complementares (ELISIO, 2009).

Segundo Elísio (2009), desde a antiguidade sempre houve uma punição moral ao plágio de obras intelectuais, só que não era efetiva a positivação desse direito. Com a revolução francesa em 1789, a França adotou o direito de autor, que não era limitado somente ao patrimonial mas também aos direitos morais.

Os direitos morais do autor são: absolutos, pois possuem efeito para todos. Inalienáveis: pois não se transferem mesmo com a morte do autor. Impenhoráveis: pois não podem ser objeto de garantia em razão da execução por parte de credores do autor. Irrenunciáveis: pois impossível o abandono voluntário por parte dos autores (ELISIO, 2009, p.2).

De acordo com Santos (2017), o direito autoral, abrange , obras intelectuais no campo literário, científico e artístico, como, livros, artigos científicos e software. Ele está dividido em direito moral e patrimonial. São considerados direitos morais do autor, de acordo com a lei:

- Reivindicar a qualquer tempo, o direito da obra.
- Ter o seu nome como sendo o do autor na utilização da obra .
- Conservar a obra inédita.

- Assegurar a integridade da obra.
- Modificar a obra antes ou depois de ser utilizada e a retirada de circulação da obra.

Os direitos patrimoniais asseguram ao autor, a exclusividade de utilizar e dispor da obra literária, científica ou artística, o poder de autorizar a utilização da obra e permite ao autor que ele utilize a obra para ganhar dinheiro (SANTOS, 2017).

A primeira lei brasileira sobre direitos autorais foi a *Lei Medeiros e Albuquerque*, depois, a consolidação do direito do autor veio no Código Civil brasileiro no ano de 1917. Durante os tempos, a luta do direito autoral passou por muitos conflitos com o aumento dos meios de comunicação e a reprodução de sons e imagens. A lei de 1973, serviu para conciliar os desejo autorais (AFONSO, 2009).

Muitas obras são resguardadas pela legislação brasileira, como, obras originárias e derivadas, anônimas, pseudônimas, comuns, compostas e obras coletivas. A autorização do autor é indispensável em qualquer utilização da obra, essa proteção é regulada pelo art. 29 da lei do Direito Autoral e informa que qualquer utilização de obra depende de expressa autorização do autor. No caso de uma publicação em meio eletrônico, o autor tem o direito de autorizar a sua obra em qualquer meio, inclusive na internet (ELISIO, 2009).

De acordo com dados da Associação brasileira de direitos reprográficos, o mercado editorial do Brasil, por ano, perde em média R\$ 1 bilhão com livros pirateados. E também cerca de 2 milhões de páginas de livros são copiadas, por ano, pois existem sites que oferecem download de obras inteiras. As licenças pode ajudar a amenizar os problemas decorrentes da disponibilização das obras no meio digital, pois elas permitem aos autores definir os termos sob como quer disponibilizar as suas obras, o proprietário autoriza a obra mas o direito moral é preservado. As licenças mais utilizadas são *Copyleft*, *Fair Use* e *Creative Commons* (SANTOS, 2017).

De acordo com Moraes (2012), é preciso que o leitor se adapte às novas formas e opções de leitura. O livro em formato digital pode ser integrado no ensino superior para que os alunos realizem leituras que ultrapassem a simples compreensão dos textos. Se o leitor possuir conhecimento e familiaridade com os suportes e gêneros de textos melhor se sairá na execução de tarefas.

4.3.1 Leitura

De acordo com Fischer (2006), o ato de ler é variável, a leitura é a capacidade de extrair sentido de símbolos escritos ou impressos. O leitor utiliza os símbolos para orientar a recuperação de informações da memória e cria com essas informações uma interpretação da mensagem do escritor. Ler é estabelecer uma relação entre grafema e o fonema e de acordo com isso resulta-se um significado. Assim é preciso haver uma relação entre o símbolo e um significado. E conforme o autor, a definição de leitura continuará a se expandir no futuro.

Para Martins (2006), a leitura é uma experiência individual e que pode ser caracterizada como a decodificação de signos linguísticos, dos quais o leitor decifra sinais. É como um processo de compreensão aprofundado, em que o leitor dá sentido e entende a esses sinais. A leitura é realizada a partir de um diálogo entre o leitor e o objeto lido, e objeto pode ser escrito, sonoro, gestual, uma figura ou imagem.

Não existe um único conceito para a leitura, pois a mesma pode ser diferente em cada ser humano de uma forma única e individual. Desde a infância, adolescência, e vida adulta a leitura é constante e está presente em tudo, no shopping, na praça, em casa ela é indissociável. É possível interagir com o mundo, enriquecer o vocabulário, e o hábito de ler diversos tipos de informações e assuntos conseqüentemente agrega aos conhecimentos (SILVA,2015).

No sentido de que ler é atribuir significado, destaca o papel do leitor. O mesmo texto pode provocar visões diferentes da realidade, para cada leitor. Essa visão da realidade provocada pela presença do texto depende das experiências anteriores que o leitor trouxe para a leitura. Ler não significa necessariamente entender a mensagem por completo. A leitura pode ser lenta e cuidadosa como rápida e superficial, com ou sem consulta ao dicionário. A leitura vai do leitor ao texto. A compreensão começa desde o primeiro contato com o texto (LEFFA, 1996).

O texto é construído a partir da interação do texto com o leitor, pois é levada em consideração todas as experiências e conhecimentos que o leitor possui e não apenas o seu conhecimento por códigos linguísticos, o leitor deve levar em consideração o que o autor quis passar e através desse entendimento o concorde, discorde, complete ou acrescente sentido no que se lê (MOURA, 2016, p.25).

Fischer (2006), argumenta que aprender a ler é uma atividade diferente da leitura fluente. Há sinais que dois tipos diferentes de leitura sempre existiram: a leitura literal ou mediata (aprendizado) e a leitura visual ou imediata (fluente). Todas vem da leitura mediata.

O autor ressalta que leitores que leem bastante, sempre se tornam leitores fluentes, e eles começam a minimizar o som e dar mais sentido ao significado. O leitor eficiente não simplesmente decodifica a mensagem, mas principalmente, dá mais ênfase à produção do sentido da palavra e do texto. A leitura como conhecida atualmente não existia até a Antiguidade Clássica. Os leitores do passado observavam a madeira ou ditavam cálculos, e o verbal era mais aparente. Poucas pessoas tinham motivo para aprender a ler: somente os que precisavam conferir uma conta, conferir um rótulo ou identificar uma chancela de propriedade.

Os *scriptoria* da Europa ocidental tornaram-se silenciosos no começo do século IX. O *scriptorium* é um termo usado para se referir a um quarto nos mosteiros medievais europeus, eram para os monges copistas que, na época medieval, escreviam manuscritos. Era um complemento da biblioteca. Os teólogos da Idade Média exaltaram os benefícios da leitura silenciosa, que tinha o poder de transmitir em silêncio o que dizem aqueles que estão ausentes. Geralmente, o *scriptorium* medieval era um local barulhento, o ruído e o trabalho eram cansativos. E o ato da leitura passou do público para o privado. O leitor não compartilhava o texto com outras pessoas (que podiam interromper com dúvidas e ideias). Era possível ler em segredo, em silêncio, fazer comparações e até mesmo avaliações. Isso modificou o modo de leitura das pessoas do Ocidente. “A leitura transcendeu sua função social de ferramenta, caracterizada como aptidão humana” (FISCHER, 2006, p.149).

Para Fischer (2006), o sossego e a calma alcançaram os *scriptoria* europeus, por conta da leitura silenciosa. De acordo com o autor, a nova prática não significava uma pequena redução do barulho, pois toda a linguagem falada era eliminada e os escribas tinham que se comunicar através de uma linguagem de sinais. Durante séculos, a leitura silenciosa tornou-se comum em toda a Europa Ocidental e também um método predileto dos eruditos.

Moraes (2012), ressalta que do VI até o século XIX, a prática de leitura era de acordo com a moral e os costumes da época. Nas bibliotecas universitárias era obrigatória a leitura em silêncio, ou seja, somente com os olhos, e o comportamento tinha que ser discreto. Até o século XVIII, o espaço de leitura era reservado, pois não podia se misturar com ambientes de diversão e falatórios. Os leitores ficavam sempre sentados, sem muita movimentação, num local privado. As pinturas mostram que somente a partir do século XVIII, o leitor passa a ter mais liberdade no ato da leitura, mudando os comportamentos, para não tão restritos.

O mundo da leitura ainda era bastante categorizado. Apenas alguns europeus faziam cópias à mão, copiavam e estudavam. Conforme a educação pública crescia nas sociedades mais ricas, aumentavam também os leitores. O maior número de leitura ocorreu por conta da impressão, de acordo com dados da época, poucas pessoas possuíam os próprios livros (FISCHER, 2006).

O ato de ler desperta a imaginação, a cultura, o raciocínio lógico, é possível viajar por muitos lugares, sem sair do lugar, pelo simples fato da leitura, é possível conhecer a cultura de um país, o idioma que é falado e também a história de povos. A leitura é uma grande fonte de conhecimento, conquistas e novas descobertas que podem ajudar a preparação da pessoa para a sociedade (SILVA, 2015).

Para possibilitar melhor consciência do processo de leitura para o indivíduo, existem três níveis para a abordagem do texto, e a autora Castro (2012), os descreve:

- O primeiro nível de leitura é chamado de compreensão e significa entender o texto basicamente, com o sentido do dicionário, quando as palavras ainda estão sendo descobertas. É necessária a busca de reconhecimento do assunto tratado, com identificação de palavra-chave que una todas as partes do texto. Essa fase trata-se do saber comum, vários leitores podem realiza-la, para a busca de algum primeiro entendimento para o texto.

- No segundo nível, começam os questionamentos, são realizadas associação de ideias, de acordo com perguntas como: A quem? Como foi escrito? Quando? Onde? Por que?. Esses questionamentos auxiliam e melhoram o processo de interpretação do texto.

- O terceiro nível, é do crítica, de acordo com as análises feitas pelo leitor ao decorrer das outras fases, o leitor consegue autonomia para “tecer sua apreciação, seu parecer”. O leitor agora adere a significados conotativos, em que ele pode dar o próprio significado e entendimento para o texto, que passa a ter nova expressão (crítica) (CASTRO, 2012, p.472).

Segundo Gerber (2008), alguns fatores influenciam na construção do significado do texto, sendo alguns referentes ao texto ou a situação de produção. No momento da leitura, o conhecimento antecipado do leitor, referente ao assunto do texto, é de muita importância, pois permite um esquema adequado que ajuda o leitor na compreensão e no entendimento da informação. Assim é possível construir significado a partir da leitura com a união de conhecimentos de autor e leitor.

O sujeito e o leitor contribuem para a leitura ser um processo cognitivo árduo, dinâmico e de importância para adquirir conhecimento, para considerar a leitura um processo cognitivo, é preciso reconhecer como um caminho dinâmico, que de acordo com o conteúdo do texto, o leitor posso criar e testar hipóteses (GERBER 2008).

Para Bordini (2009), quando alguém lê, a consciência absorve o objeto da leitura, de acordo com as possibilidades que o texto impresso dispõe, primeiramente ocorre a intuição dos sinais gráficos que são transformados por atos intencionais, em fala. A apreensão dos sinais gráficos é um ato significativo e perceptivo, pois captura a figura da letra e dá um sentido intencional, que seria o fonema que corresponde à ela. O autor ainda conclui que só é fluente a leitura que não se prende às letra, mas sim às palavras e frases.

De acordo com Coscarelli (2010), a leitura envolve a ação dinâmica de várias formas de processamento, ler é como um processo de integração de várias operações. A leitura tem que ser vista como um sistema não linear, ou seja que possui diversos caminhos e possibilidades, em que os resultados nem sempre são previsíveis. O autor também informa que, o texto possui uma interlocução, a cada palavra lida, frase, imagem ou *link* clicado, os elementos cognitivos ativados, e as operações cognitivas mudam, e nem sempre tomam rumos previstos.

A leitura não pode ser vista apenas como uma atividade realizada apenas com elementos verbais e também como uma atividade que sempre terá resultados únicos e previsíveis. A leitura envolve o trabalho com signos além o verbal, que tem elementos, estrutura e formas de funcionamento que junto com o verbal, que aparecem novos textos e exigem formas de ler particulares. É preciso pensar a leitura como um processo que aparece significados que não vem do processamento das partes em si só, a leitura precisa ser considerada como um processo dinâmico, não previsível, que possui diversos caminhos, cada sujeito e cada situação de leitura é diferenciado (COSCARELLI, 2010).

Para Moura et al. (2016), o avanço com o uso das novas tecnologias oferece novos campos de desenvolvimento na leitura e, com certeza, disponibiliza a redução das desigualdades na área das relações sociais, da informação e do mundo. É importante incentivar as pessoas nos espaços de interação e formação, como: escola e família, a ler para produzir bons textos, para contribuir no desempenho profissional e pessoal. Para pessoas que queiram ser participativas na sociedade, ler é uma grande forma para ter acesso ao conhecimento, também para a valorização pessoal.

4.3.2 Leitura no ensino superior

De acordo com Silva (2017), pode -se dizer que a leitura é um dos grandes desafios da educação na atualidade, para escrever melhor necessariamente é preciso melhorar a leitura assim a leitura torna-se a base da aprendizagem, na universidade muitos estudantes não tem iniciativa para ler ou voltar a ler, mas precisam da leitura, para entender os assuntos e textos que os professores utilizam em sala de aula.

Ler é essencial na vida acadêmica ou de qualquer pessoa, pois é uma habilidade que faz parte da história humana, a realização de uma leitura não é uma atividade tão simples. De uma forma mais específica, ler significa, fundamentalmente, compreender o que foi lido, mas não basta apenas decodificar, é preciso que o leitor atribua significado à leitura, tornando um leitor capaz e munido de criatividade, motivação, desenvolvimento e etc. Os estudos sobre o tema leitura apresentam alguns resultados preocupantes, pois os estudantes ingressam nas universidades apresentando muitas dificuldades em relação à leitura, muitas vezes, não compreendem os textos que são passados em sala de aula (FRANCO; SILVA, 2012).

A leitura atualmente no universo da instituição universitária, tem sido foco de estudo realizado por docentes e pesquisadores. Esses estudos destacam a sua importância como um dos caminhos e estratégias que levam o aluno ao acesso e a produção de conhecimento, dando ênfase a leitura crítica, como forma de recuperar todas as informações acumuladas historicamente e de utilizá-las de forma eficiente e produtiva (FRANCO; SILVA 2012, p.3).

O ato de ler, no ensino superior, em sala de aula, pode ser o único contato dos estudantes com a leitura, o professor pode ter o papel influenciador nesse momento, para despertar interesse pela leitura. O professor do semestre que direciona quais serão as leituras para os estudantes. Num primeiro momento os discentes nem tem noção de como realizar uma pesquisa , talvez isso reflita um pouco do que veio do ensino fundamental, onde os estudantes não incentivados ou estimulados adequadamente à leitura (SILVA, 2017).

Portanto para Moura et al. (2016), quando a escola preocupa-se somente em formar leitores capazes de apenas decodificar, ocorre a formação de pessoas que sabem ler, mas não conseguem compreender de fato os textos, como os analfabetos funcionais. Atualmente, com o avanço das tecnologias as pessoas recebem informações facilmente e com isso não leem tanto revistas e jornais, o que gera mais desinteresse para o ato de ler.

Nas universidades é preciso dar mais atenção a leitura, com o desenvolvimento de projetos e proporcionar ao professor universitário formação necessária, para orientar os alunos no aperfeiçoamento dessa habilidade. De acordo com o autor, quando o docente apresenta prazer e dedicação pela leitura e incentiva seus alunos, são adquiridos e incentivados novos hábitos e contribuem para aumento do conhecimento. Os professores podem contribuir na formação de novos leitores, com produção científica de qualidade (FRANCO E SILVA, 2012).

O livro continua sendo o meio mais econômico, adaptável, transportável e consultável de pesquisa e leitura. Novas formas de leitura sempre existiram e continuarão a surgir na humanidade e, a modernização poderá causar e já causa algumas modificações no modo de apresentação de uma obra. Apesar de diversas formas de tecnologia, normalmente o primeiro contato que a criança tem com a leitura é através do livro. Porém a internet, faz parte da vida do adolescente, independente da finalidade do seu uso: chats, correio eletrônico, pesquisas. O hábito de leitura está relacionado ao fato de os livros estarem disponíveis e, por isso, um livro digital pode facilitar o acesso. Mas também não quer dizer que com o livro digital em mãos, a pessoa passará a ler mais (MORO ET. AL. 2002).

De acordo com Cunha e Santos (2006), no ensino superior, é preciso que o estudante tenha compreensão da leitura e desenvolva análise crítica e criativa das informações. Muitos estudantes que chegam ao ensino superior apresentam uma fraca compreensão em leitura, isso pode prejudicar a formação, de modo que o estudante poderá ter dificuldade para a compreensão das matérias e assuntos ofertados.

Essa dificuldade acontece principalmente, pela ausência de tradição no ensino do país, pois faltam práticas docentes que conduzam à formação de um leitor eficiente, não é justo colocar a culpa nos professores do ensino básico, mas muitos estudantes saem do ensino fundamental e médio sem a habilidade da leitura concretizada efetivamente. O gosto pela leitura depende de muitas interações, vai do livro às pessoas envolvidas, como professores, bibliotecários e outros profissionais (FRANCO; SILVA, 2012).

Segundo Santos (2006), identificar as habilidades e estratégias envolvidas na leitura é muito importante para se realizar um bom trabalho em sala de aula, pois pode contribuir para corresponder às necessidades urgentes do ensino e diminuir a dificuldade de leitura e compreensão dos textos. Referente a não compreensão dos textos pelos estudantes, não há uma ação pedagógica planejada para orientá-los para uma melhora na

leitura. Faz falta algum trabalho pedagógico com desenvolvimento de atividades cognitivas de reflexão, que possa levar os alunos à compreensão do texto.

De acordo com Pires (2012), o ensino superior requer hábito constante de leitura, pois para a realização de trabalho acadêmico, como artigos, TCC's e outras elaborações científicas, exige-se a competência em leitura e escrita. A universidade proporciona grande colaboração no desenvolvimento e construção de ciência e também pode ser incentivo para o estímulo da leitura. O processo de leitura, na graduação, é essencial para o desenvolvimento profissional mais qualificado.

A mediação da leitura não ocorre de forma satisfatória, durante os anos do ensino fundamental, pois percebe-se a falta de interesse dos estudantes pela leitura, e a leitura é base da educação de qualquer nível de ensino. De acordo com o autor é possível encontrar alternativas que encorajem os estudantes a começarem a ler e o incentivo, seria importante partir da instituição juntamente com os professores ou outros profissionais qualificados (SILVA, 2017).

Para Witter (1999), o indivíduo ao chegar à universidade, deveria possuir uma capacidade de se adaptar aos diferentes conteúdos, bem como bom desempenho em leitura. Muitos não conseguem interagir com o texto, e não compreendem o conteúdo que leram. Os universitários muitas vezes não conseguem buscar e selecionar as informações do texto; não apresentam uma linha crítica e criativa em relação ao texto lido; a maioria não gosta de ler, sejam livros da própria área que estuda, seja outro tipo de leitura. Acredita-se que os universitários que tem o hábito de ler, obtêm um bom desempenho em diversas disciplinas pois conseguem com mais facilidade interpretar e compreender os assuntos.

Segundo Silva (2015), ao longo da universidade a leitura é diversificada, os textos mudam, o acervo cresce, assim multiplicam os leitores, os textos estão mais diversificados, assim foram criados novos modos de ler e de escrever, com o passar do tempo, o ler se modifica, na universidade, a cada dia a leitura traz algo novo.

O hábito de ler na maioria dos casos, entre os estudantes universitários é superficial e mecânico, geralmente não acontece uma leitura científica espontânea. É preciso que o estudante leia de forma segura, contextualizada e intertextual, para de alguma forma fazer diferença na sociedade. Assim a prática da leitura pode acontecer no decorrer do curso, com as práticas e tarefas vivenciada, basta dedicação e incentivo a mais (SILVA, 2015).

Segundo Silva (2015), com adaptação ao costume de ler, e o entendimento satisfatório da leitura pelo estudante, é possível que cada vez mais ele possa descobrir talentos, despertar curiosidades, e melhorar muito o desempenho acadêmico. Torna-se necessária a realização de pesquisas que verifiquem o desempenho e as habilidades dos estudantes universitários, para assim, verificar, corrigir e prevenir futuras falhas e dificuldades no ato da leitura.

5 Metodologia

De acordo com Fonseca (2002), “methodos” significa organização, e “logos”, estudo sistemático, pesquisa, investigação. Metodologia refere-se ao estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência. Etimologicamente, significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica

A presente pesquisa possui abordagem de natureza quantitativa. Para Fonseca (2002), este tipo de abordagem é definida como objetiva, e tem como característica permitir uma abordagem focalizada, pontual e estruturada. A pesquisa quantitativa centra-se na objetividade e recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc.

Para a realização da pesquisa, utilizou-se um questionário com 11 questões fechadas para a coleta dos dados. O questionário consiste numa lista de questões a serem propostas pelo pesquisador junto aos informantes para obtenção de dados, escolhidos pelos mais diversos métodos de amostragem.

De acordo com Cunha (1982), algumas vantagens e desvantagens sobre o questionário são:

Vantagens:

a) é um método rápido em termos de tempo, porque se estipula uma data para a devolução dos questionários preenchidos;

b) é barato, porque o custo das tarifas postais para a remessa dos questionários é menor do que o custo de salários a serem pagos a entrevistadores;

c) pode-se atingir, ao mesmo tempo, uma grande população dispersa numa ampla região geográfica.

d) dá maior grau de liberdade e tempo ao respondente, pois o mesmo não é constrangido pela presença do entrevistador.

Desvantagens:

a) pelo fato de o pesquisador estar à distância, dificulta para o respondente esclarecer dúvidas em relação a perguntas mal formuladas ou que contenham ambiguidade.

b) as questões, por serem quase sempre formuladas por bibliotecários, nem sempre refletem os problemas enfrentados pelos usuários ou estão numa terminologia nem sempre a mais adequada ou de uso comum.

c) o índice de resposta é quase sempre baixo, prejudicando enormemente a confiabilidade da amostragem.

d) por ser um método rápido de coleta, é de praxe marcar uma data limite para devolução. Assim, muitos questionários deixam de ser computados na tabulação, quando são recebidos pelo pesquisador após a data indicada;

e) é difícil saber se a resposta foi espontânea ou se sofreu a influência de outras pessoas.

Escolheu-se esse instrumento pelo de baixo custo e facilidade de aplicação. A população pesquisada constitui-se de estudantes de graduação da Universidade de Brasília, contudo considerando os recursos de pessoas, financeiro e indisponibilidade, escolheu-se uma amostra dessa população composta por 75 pessoas, de diferentes áreas do conhecimento e de diversas idades para analisar como ocorre a leitura de cada tipo de usuário. O questionário foi aplicado entre os dias 14 a 25 de novembro de 2016, a aplicação foi realizada através da divulgação dele pela internet em grupos do *facebook* de membros da UnB, e para estudantes conhecidos. Para melhorar a qualidade do instrumento utilizado, foi realizado um pré-teste com o mesmo perfil da amostra, e foi feito com sete pessoas nos dias 7 a 11 de novembro de 2016. O pré-teste foi composto de oito questões fechadas, e três pessoas deram recomendações para o aperfeiçoamento das questões.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

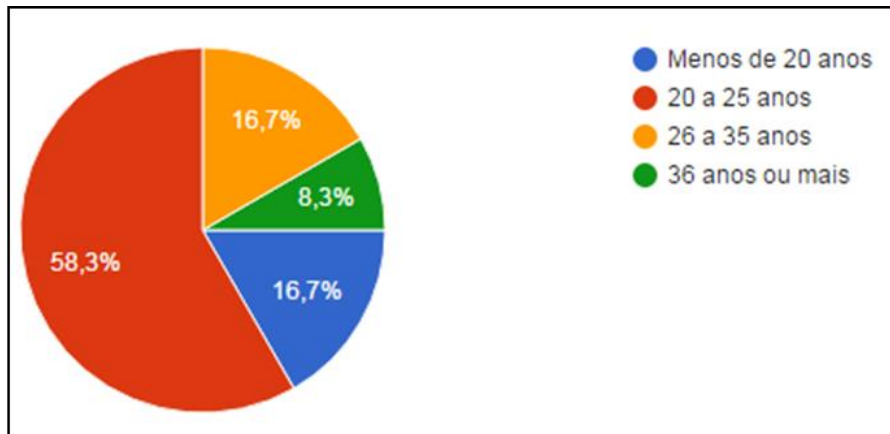
O presente capítulo trata da análise dos dados e discussão dos resultados coletados a partir do questionário. Para a realização da pesquisa, utilizou-se um questionário com 11 questões fechadas para a coleta dos dados. As primeiras questões delimitaram o perfil dos estudantes, como idade e gênero. As outras questões verificaram qual suporte é mais escolhido entre os estudantes, o que os leva a optar por tal suporte e com qual frequência leem em suporte impresso ou em suporte eletrônico.

A amostra é limitada, e é constituída por aproximadamente 75 estudantes da Universidade de Brasília de várias áreas do conhecimento, do campus Darcy Ribeiro. A pesquisa possui caráter descritivo, foi realizada no período do segundo semestre de 2016, o questionário foi feito através da plataforma formulários Google e divulgado pela internet em grupos da UnB e durou aproximadamente três semanas.

6.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

As questões iniciais do questionário tratam sobre os perfis dos estudantes que foram abordados na pesquisa. A primeira questão trata da idade dos estudantes, que é observada no **gráfico 1**. Observou-se que o perfil dos usuários é composto, em sua maioria, por pessoas na faixa etária entre os 20 à 25 anos (58,3%). Pessoas com menos de 20 anos e entre 26 a 35 anos ficaram na mesma proporção (16,7%) e o número que menos sobressaiu foi os estudantes com mais de 36 anos.

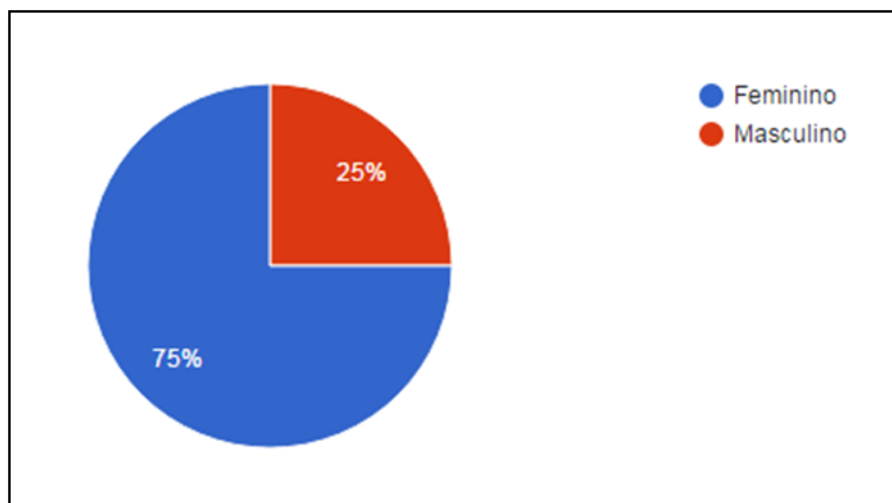
Gráfico1 – Idade dos estudantes



Fonte: Elaboração própria.

A segunda questão trata do gênero do entrevistado. E observou-se que em sua maioria predominou-se o gênero feminino (75%) e o masculino foi de 25%. Como pode-se observar no **gráfico 2**.

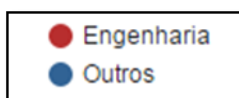
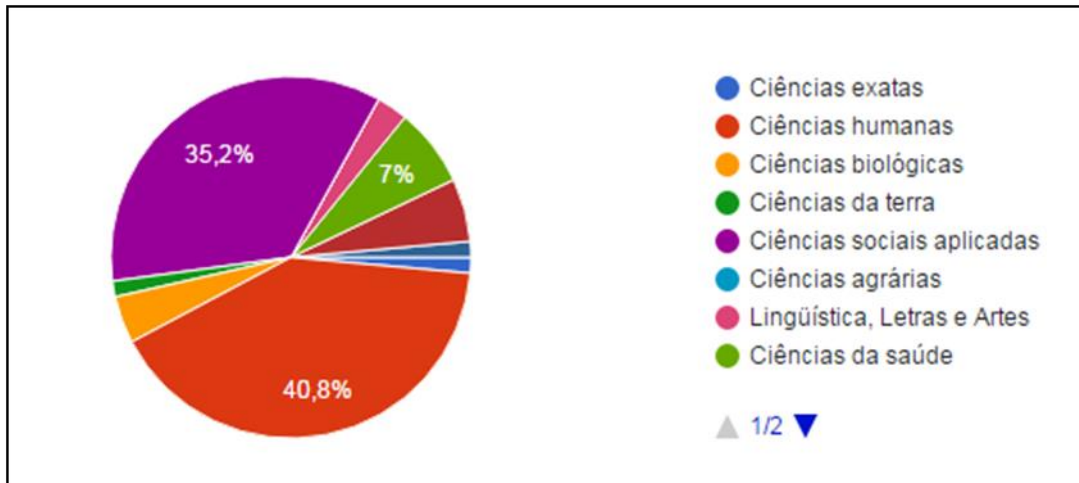
Gráfico 2 – Gênero



Fonte: Elaboração própria.

A questão 3 levantou em qual área do conhecimento o curso do estudante se insere. Em geral, os cursos de humanas e sociais requerem bastante leitura de texto. Os resultados apresentados no Gráfico 3, mostram que ciências humanas (40,8%), ciências sociais aplicadas (35,2%), ciências da terra (7%).

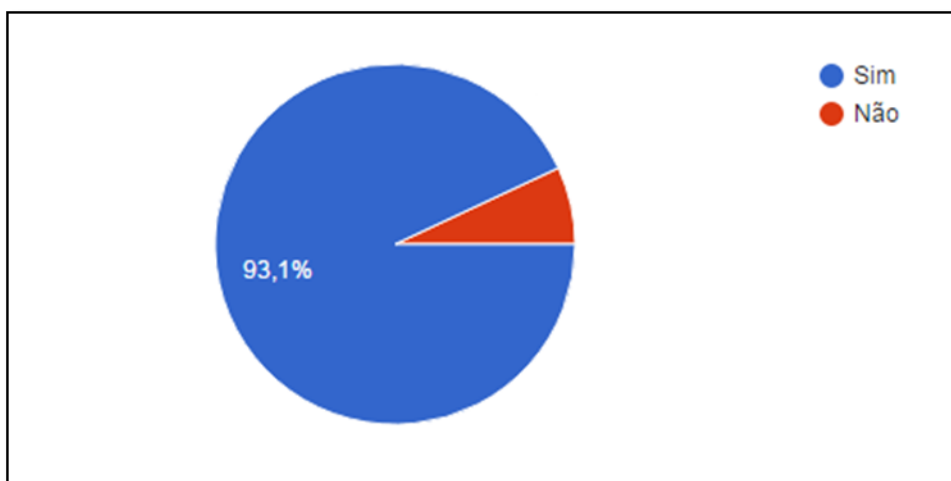
Gráfico 3- Área do Conhecimento



Fonte: Elaboração própria.

A questão 4 indagou se os estudantes da Universidade de Brasília gostam de ler, como pode-se observar no **gráfico 4**: 93,1% responderam afirmativamente, por sua vez, 6,9% não gostam de ler.

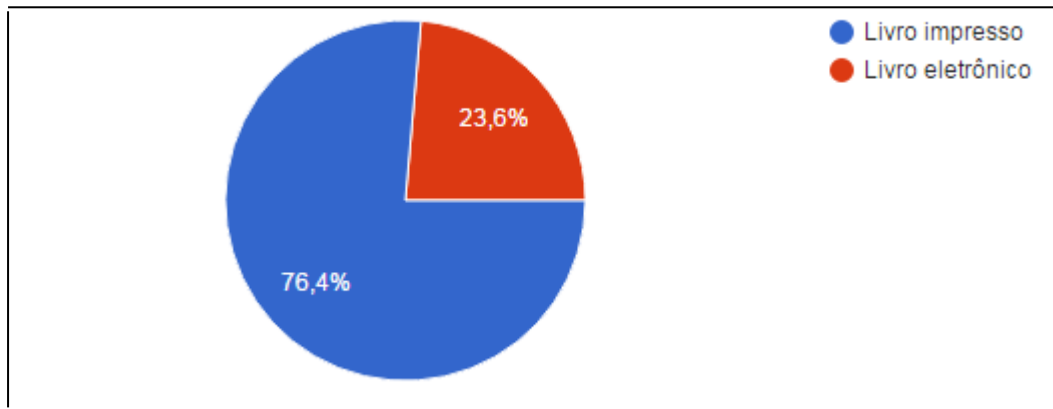
Gráfico 4: Gosto pela leitura



Fonte: Elaboração própria.

A pergunta 5 diz respeito ao suporte mais utilizado entre os estudantes da UnB, 76,4% responderam preferir o suporte impresso, como pode-se observar pelo **gráfico 5**. 23,6% preferem o suporte eletrônico.

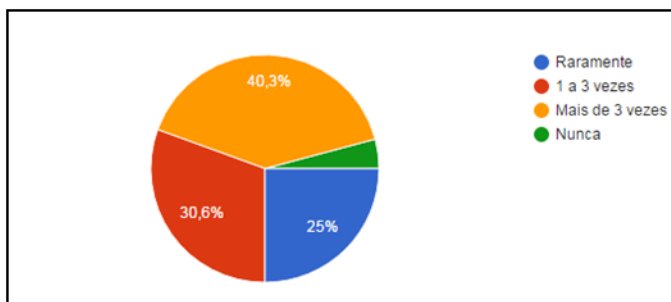
Gráfico 5: Preferência por suporte eletrônico ou impresso



Fonte: Elaboração própria.

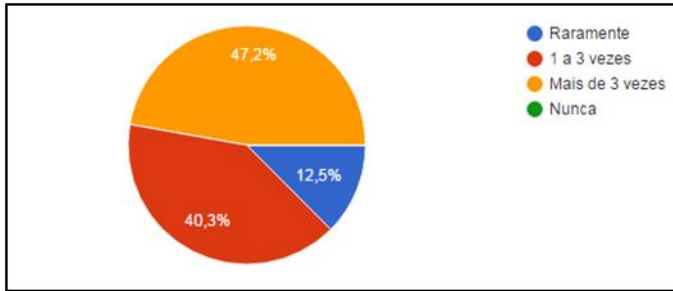
A pergunta 6 trata da frequência de leitura dos entrevistados no suporte virtual e impresso. Dos respondentes, 40,3% leem mais de 3 vezes por mês em suporte virtual como se observa no gráfico 6. No gráfico 7, os dados mostram que 47,2% leem mais de 3 vezes por mês em suporte impresso.

Gráfico 6- Frequência de leitura em suporte virtual



Fonte: Elaboração própria.

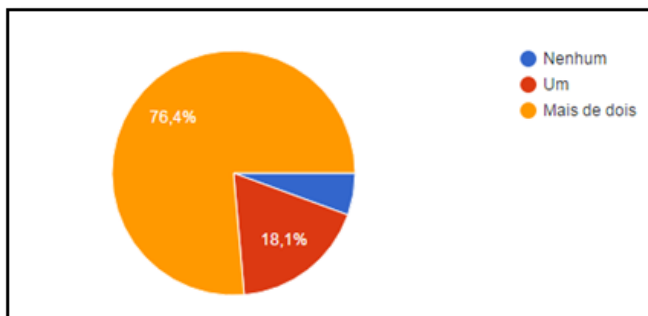
Gráfico 7- Frequência de leitura em suporte impresso.



Fonte: Elaboração própria

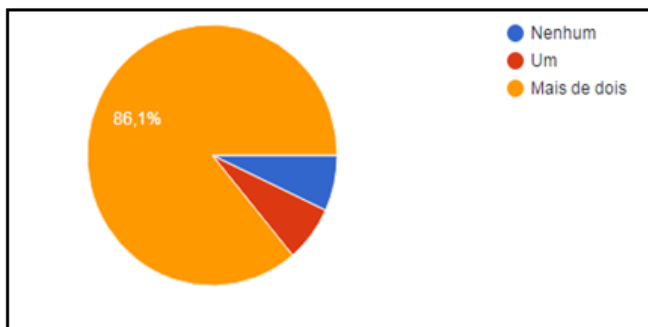
A questão 7 e 9 trataram da quantidade dos livros que os entrevistados leram no último ano no suporte impresso e no eletrônico. Como se observa no **gráfico 8**, no suporte impresso, observou-se que 76,4% leram mais de dois livros, 18,1% apenas um livro e 5,6% nenhum. No suporte eletrônico, 86,1% leram mais de dois e entre um e nenhum livro deu uma porcentagem de 6,9%. Os dados podem ser observados no gráfico 9.

Gráfico 8- Quantidade de livros lidos no suporte impresso



Fonte: Elaboração própria.

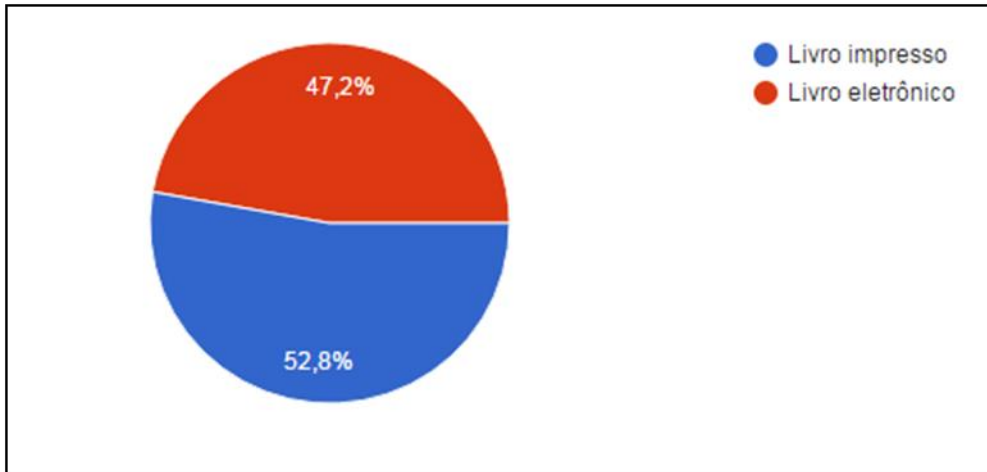
Gráfico 9- Quantidade de livros lidos em suporte eletrônico



Fonte: Elaboração própria

A questão 8 corresponde a qual suporte (impresso ou digital) é encontrado com mais facilidade. De acordo com o **gráfico 10**, 52,8% afirmam que é o livro impresso e 47,2% o eletrônico.

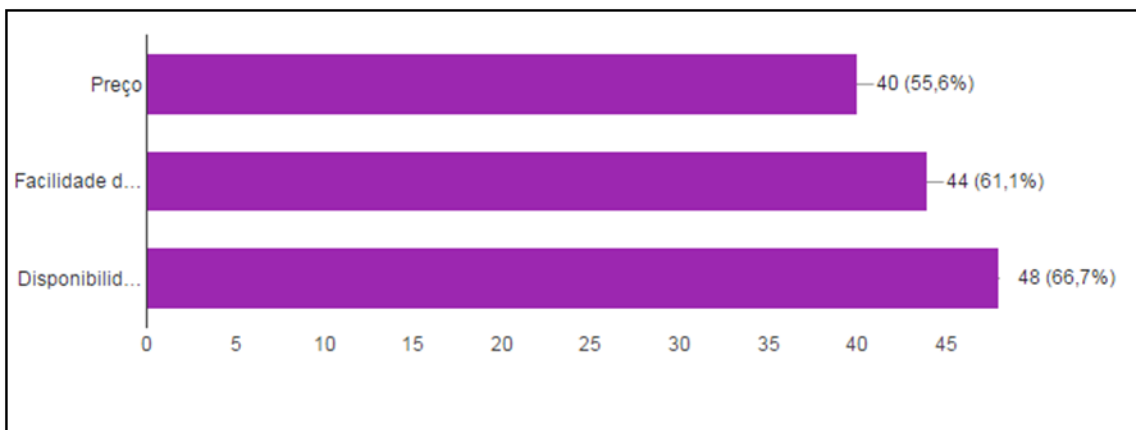
Gráfico 10- Livro encontrado com mais facilidade



Fonte: elaboração própria.

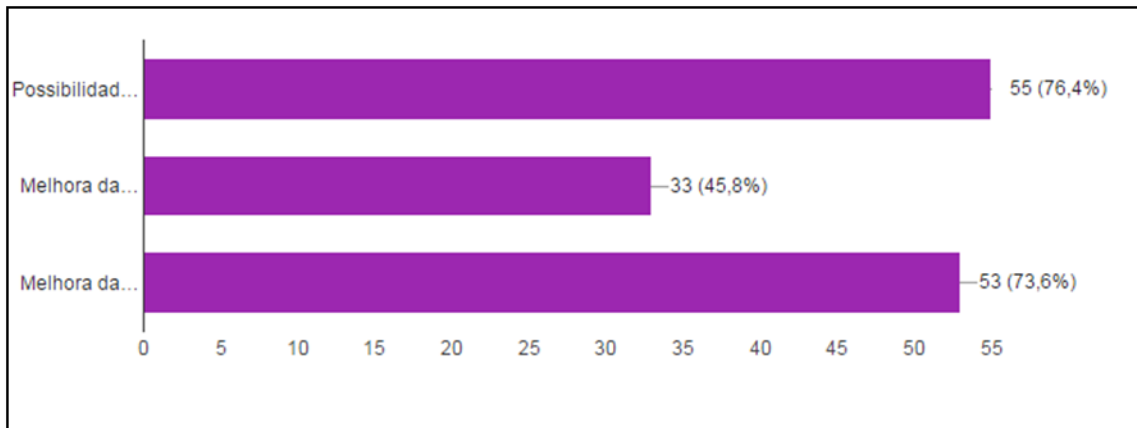
A questão 10 a) aborda quais são as duas características mais importantes para a escolha da leitura em suporte digital. As pessoas responderam que a disponibilidade (66,7%) e facilidade de uso (61,1%) são as mais importantes características. O preço foi apontado por 55,6%, como mostra o **gráfico 11**.

Gráfico 11- Características mais importantes para se optar pelo livro digital



A questão 10 b) abordou as características mais importantes na escolha do livro impresso. Os participantes responderam que são a possibilidade de manuseio (76,4%) e melhoria da concentração (73,6%) como observa-se no **gráfico 12**. Com 45,8% ficou a melhora da compreensão, segundo eles.

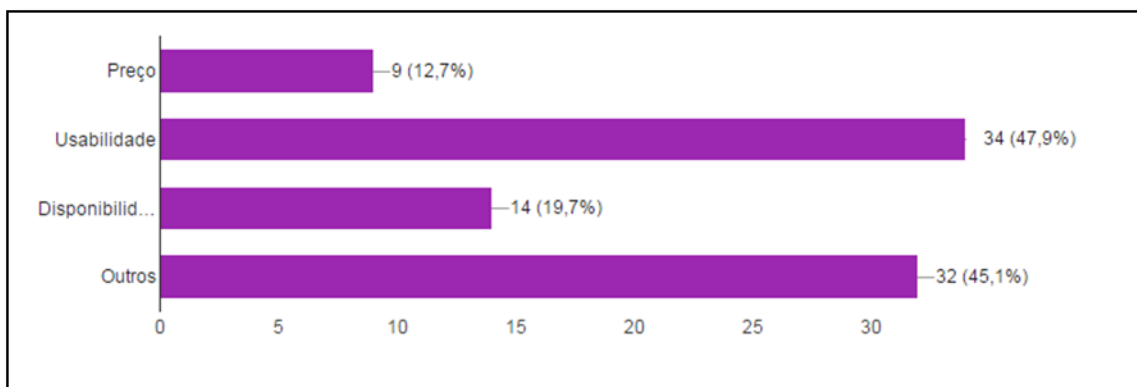
Gráfico 12- Características mais importantes para se optar pelo suporte impresso



Fonte: Elaboração própria.

Na última questão 11, foram identificados os obstáculos para leitura do material digital. Como é mostrado no **gráfico 13**, a maior dificuldade é a usabilidade (47,9%), outros (45,1%), disponibilidade (19,7%), preço (12,7%).

Gráfico 13- Os obstáculos para a leitura em material digital



Fonte: Elaboração própria.

6.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este tópico trata da análise dos objetivos propostos no trabalho por meio dos dados coletados no questionário.

6.2.1 Objetivo 1: Identificação do perfil dos estudantes.

Os dados coletados sobre o perfil dos sujeitos mostram em síntese: os sujeitos são estudantes de graduação com faixa etária predominante de 20 a 25 anos, a faixa etária. De acordo com Pacheco (2015), Pew Research Center e o McKinsey Global Institute divulgaram, no fim de 2014, que a geração de jovens entre 20 e 30 anos lê mais, hoje, do que conseguiram ler os pais e avós durante toda a vida. E, geralmente, as pessoas dessa faixa etária já ingressaram na faculdade e necessitam praticar hábitos de leitura frequentemente. O gênero dos entrevistados, corresponde a 75% do sexo feminino e 25% do sexo masculino.

A área do conhecimento que mais predominou na pesquisa foi a de ciências humanas, composta por 41,7 % dos estudantes. Os estudantes de humanas têm em comum o interesse em estudar o ser humano através do ponto de vista social, histórico e cultural. Para seguir em cursos de humanas, é muito importante possuir determinadas características, o gosto pela leitura seria uma delas, e faz com que a prática aprimore e desperte maior reflexão e análise crítica dos fatos e assuntos estudados (INFOENEM, 2015).

A segunda área predominante foi a das ciências sociais aplicadas, para Camara (2016), essa área reúne campos de conhecimento interdisciplinares, voltados para os aspectos sociais das diversas realidades humanas. A leitura, nessa área, abrange História, Política, Filosofia, Economia, Psicologia, Sociologia e Metodologia Científica. Ou ainda, pode contemplar todas elas.

Houve menor predominância de estudantes de ciências exatas e ciências agrárias. Para Dalbosco (2012), nas ciências exatas, a questão da leitura é pouco difundida, na medida em que não há o costume de inserir nessas matérias a leitura de textos capazes de estimular ou de explicar de forma lúdica ou não convencional os fenômenos abordados por essas áreas. Porém, existem vários tipos de leituras que poderiam atuar como estímulo e seria proveitoso agregá-los aos métodos didáticos, com o intuito de incitar o interesse pela busca do conhecimento.

6.2.2 Objetivo 2: Identificar o uso dos livros impressos e digitais.

Os dados coletados para identificar o uso dos livros impressos e digitais mostram em síntese: a maioria dos estudantes leem livros. Uma grande maioria lê em suporte impresso, somente 23 % leem em suporte eletrônico.

Sobre a frequência dos suportes de leitura, o livro impresso teve a maior frequência, a maioria utiliza por mais de duas vezes e somente nove pessoas disseram que usam raramente. Ninguém disse que nunca utilizou o suporte impresso. De acordo com Delcolli (2014), uma pesquisa recente da American University, mostra que mesmo hoje, com a possibilidade de leitura em várias plataformas digitais, como *tablets*, *smartphones* e etc, e a grande presença da tecnologia na vida dos jovens, o livro de papel ainda é muito utilizado pelos estudantes universitários.

Sobre a frequência dos suportes de leitura digital, 39,2% dos estudantes já leram mais de 3 vezes nesse suporte. Isso significa uma porcentagem menor do que o impresso que foi de 48,6% de frequência de leitura. Uma significativa parcela raramente utiliza o suporte digital 25,7% a porcentagem é maior do que aquelas que responderam usar raramente o impresso, disseram que raramente utilizam o impresso, apenas 12,2%. É possível notar que os estudantes da pesquisa leem com mais frequência em suporte impresso. Em relação aos respondentes 4,1% nunca leem em suporte virtual. De acordo com Silva et al. (2015), o contato físico com o texto é uma questão cultural, visto que historicamente a leitura tem sido feita em livros impressos, por isto o texto digital traz um desconforto em não poder manuseá-lo. As mudanças tecnológicas, que alteram os formatos dos textos, geram alterações comportamentais nas pessoas, levando-as a se adaptarem às novas atitudes e técnicas de leitura. A nova cultura eletrônica oportuniza técnicas de leitura diferentes das já vividas e o avanço demora a ser aceito e inserido como parte da cultura presente. Porém para Moraes (2012), nos últimos anos, têm aumentado consideravelmente a leitura de textos digitais, através de *Datashow* usado nas aulas e em atividades de estudos, pesquisas, construção de textos, práticas de grupos e leituras pelo computador. O uso do computador torna-se vantajoso pelas possibilidades de acrescentar novos conhecimentos e técnicas ao homem.

Os dados coletados para identificar quantos livros impressos e digitais os estudantes leram mostram em síntese: 75% leram mais de dois livros impressos no ano. E no digital a porcentagem foi maior sendo que 86,5 % leram mais de dois no ano. Para Harvey (1992, p.8 apud Silva et al., 2012, p.68), há um uso constante da internet pelos universitários, e que esta fonte está cada vez mais inserida por eles. Acredita-se que a internet ocasionou grandes mudanças culturais, vinculadas “à emergência de novas maneiras dominantes pelas quais experimentamos o tempo e o espaço”. A predominância

do uso da internet confirma a expansão da inclusão de textos digitais no contexto social brasileiro das universidades.

Os dados coletados referentes ao tipo suporte encontrado com mais facilidade, mostraram que 52,7% encontram com mais facilidade o impresso e 47,3 o digital.

6.2.3 OBJETIVO 3: Identificar os obstáculos para a leitura do material digital

De acordo com os resultados, o maior obstáculo para a leitura em suporte digital é a usabilidade, que correspondeu a 49,3% dos entrevistados. De acordo com Mesquita e Conde (2008), a queixa mais comum dos leitores de livros digitais é o cansaço da visão provocado pela leitura feita através da tela, o que a torna incômoda e difícil. Os displays de cristal líquido – LCD diminuem o efeito, mas custam muito mais que os monitores de raios catódicos – CRT, mais comuns e contém um excesso de brilho e radiação que ocasionam um estresse ocular. Isso faz com que a maioria dos leitores prefira ler o livro impresso.

Para a leitura do *e-book* é necessário um computador, *notebook*, *tablet*, *smartphone*, entre outros aparelhos capazes de lê-lo, sendo que o *ereader* (*electronic reader*) ou leitor eletrônico é o aparelho de leitura específico para *ebooks*. Estes aparelhos precisam ter a bateria carregada para funcionar, além da necessidade de um *software* para decodificação, ou seja, um *reader* (REIS; ROZADOS, 2016, p.4).

6.2.4 OBJETIVO 4: Descrever os motivos que influenciam a redução da leitura impressa e digital.

Os dados coletados para identificar o que influencia a redução da leitura impressa e digital mostram em síntese: a característica mais importante para a escolha do suporte digital, de acordo com a pesquisa, foi a disponibilidade e, em segundo lugar, a facilidade de uso. A característica mais importante, de acordo com a pesquisa, para a escolha do suporte impresso, foi a possibilidade de manuseio e a melhora da compreensão.

Os *e-books* não têm peso, nem ocupam espaço físico, é possível carregar apenas um ou vários dentro do seu bolso sem preocupações. Possuem a vantagem de ter uma durabilidade, tecnicamente, infinita. Eles não podem ser rasgados, porém o arquivo pode ser excluído ou sumir do aparelho. A interatividade é talvez a maior vantagem do *e-book*. É possível ter *links* funcionais, gráficos animados, pequenos vídeos, *GIFs*, comentários em áudio. Uma grande quantidade de recursos que podem acelerar o processo de aprendizado

e aperfeiçoar a busca por informações. Os livros físicos são geralmente menos cansativos do que os digitais, a luz de fundo dos aparelhos celulares e *tablets* são cansativas para os olhos, podendo assim diminuir o tempo do leitor com o livro. O livro impresso pode ajudar na concentração, a leitura na tela, apesar da interatividade ajudar na busca por informação, ela pode atrapalhar se causar muita distração. O livro físico não tem o problema de faltar energia ou descarregar a bateria (ENSINO, 2012).

De acordo com Silva (2016), o livro digital tem custos de produção menores e nenhum custo de armazenamento. Esse permite o uso de alguns recursos que o impresso não permite com tanta facilidade ou com tão baixo custo, como interatividade, fotografias coloridas em todas as páginas. Porém, a escolha por um ou outro formato depende do objetivo e da estratégia. É possível fazer uso das duas versões, um livro on-line, um livro de papel, desde que um ou outro, facilite o acesso do leitor à informação.

De acordo com Silva e Pessanha (2012), é difícil afirmar que os *e-books* dominarão a atenção do público de forma a fazer os livros impressos serem deixados de lado e chegarem ao fim. Existem aqueles que dizem, que por fatores como custo, facilidade e consciência ambiental, a escolha a favor do livro eletrônico “fala” mais alto. Porém, existem outros que gostam de ler o livro em papel, por ser mais cômodo para a visão dos leitores ou por ter um apego maior a esse suporte. Percebe-se que, mesmo com o lançamento dessa novidade para o mundo da leitura, o material impresso ainda tem espaço no mercado e somente a médio ou longo prazo se poderá afirmar em que grau o dispositivo de leitura digital atingirá o público.

O texto eletrônico não encerra a vida do livro impresso, nem a existência da leitura, mas abrange uma transformação nas formas de construir significados. Na medida em que o homem tiver a necessidade de registrar sua história e seu pensamento, ele criará novos elementos que atendam às necessidades do seu tempo, permitindo uma leitura adequada aos objetivos de cada leitor. O livro digital já é uma realidade, e deve-se aproveitar os benefícios sem ignorar a continuação do livro impresso, que possivelmente permanecerá contribuindo, metodológica e socialmente para a revolução da sociedade humana como um todo (PAULINO, 2009).

7 Considerações finais

O avanço das tecnologias possibilita, novos suportes de informação e conseqüentemente podem mudar os hábitos da sociedade, a forma como as pessoas se comunicam, expressam-se e interagem entre si. A tecnologia é muito presente no cotidiano e o mundo digital cada vez mais passa a ser mais aceito, mas de acordo com a pesquisa nem sempre os estudantes preferem a leitura em suporte digital.

A pesquisa realizada mostra que, a maioria dos estudantes tem preferência pelo suporte impresso, nenhuma pessoa afirma nunca ter lido em suporte impresso. Uma pequena parcela dos estudantes nunca leem em suporte digital. Foi observado, também, que os livros impressos são mais fáceis de encontrar do que os digitais. Segundo os estudantes, uma das maiores dificuldades para a leitura do suporte digital foi a usabilidade, que causa o cansaço das vistas e requer bateria. Porém, os livros digitais não têm peso, não ocupam espaço e possuem uma grande durabilidade e interatividade, o que pode influenciar na redução da leitura impressa. O fato é que a leitura em suporte impresso ainda é predominante no grupo pesquisado.

Como observado nos resultados, o suporte impresso não anula o digital e vice-versa. O que importa na verdade é a preferência do leitor por um ou por outro e a análise de qual tipo de suporte é mais adequado para cada um deles.

Referências

AFONSO, Otávio. **Direito autoral: conceitos essenciais**. Barueri, SP: Manole, 2009.

AMOROSO, Danilo. **Leitores digitais: conheça mais sobre esses aparelhos**. Tecmundo, 2009. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/2557-leitores-digitais-conheca-mais-sobre-esses-aparelhos.htm> Acesso em: 10 novembro 2017.

BELLEI, Sérgio. **O livro, a literatura e o computador**. Florianópolis: EDUFSC, 2002.

CAMARA, Carlos. O que é realmente estudado na área de Ciências sociais aplicadas?. uniBH, 2016. Disponível em: <http://blog.unibh.br/o-que-e-realmente-estudado-na-area-de-ciencias-sociais-aplicadas/> Acesso em: 28 Janeiro 2018.

CAMARGO, Camila. Livro digital ou de papel?. Mercado, 2010. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/ces-2010/3934-livro-digital-ou-de-papel-.htm>> Acesso em: 29 dezembro 2017.

CAMPOS, Paula. A evolução dos processos de impressão: da prensa manual aos processos automatizados. In: Salão internacional de ensino, pesquisa e extensão, v.2, n 1, 2010.

CASTRO, Adriane. Práticas de leitura no ensino superior tecnológico: o sentido na cibercultura. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v.41, n.2, p.466-480, maio-ago, 2012.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999.

CHARTIER, Roger. **Do código ao monitor: a trajetória do escrito**. Du códex a l'écran. Estudos avançados: 1994.

CHARTIER, R.; CAVALLO, G. (Org.) **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998. (Coleção Múltiplas Escritas)

COSCARELLI, Carla. Textos e hipertextos: procurando o equilíbrio. **Linguagem em discurso**, v.9, n.3, p. 549-564, set/dez, 2009.

COSCARELLI, Carla. Leitura: um processo cada vez mais complexo. **Letras de hoje**. Porto Alegre, v.45, n.3, p.35-42, jul/set, 2010.

CUNHA, Murilo. Metodologias para estudo dos usuários de informação científica e tecnológica. **Revista de biblioteconomia**, v. 10, n.2, p.5-19, dezembro, 1982.

CUNHA, N.B., SANTOS, A.A.A. Relação entre a compreensão da leitura e a produção escrita em universitários, São Paulo, 2006.

DALBOSCO, Andreli. **Leitura nas ciências exatas**: O papel do bibliotecário como mediador nesse contexto. 2012. Dissertação – Departamento de ciências da informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

DALMASO, S. C.; MIELNICZUK, L. “Hipertexto e linkagem: apontamentos sobre aspectos constituintes de uma linguagem digital”. In: PERUZZOLO, A. C.; MAGGIONI, F.; PERSIGO, P. M.; WOTTRICH, L. H. (Org.). **Práticas e Discursos Midiáticos: representação, sociedade e tecnologia**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2012, v., p. 237-255.

DELCOLLI, Caio. 92% dos universitários preferem livro impresso, diz pesquisa. Exame, 2016. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/tecnologia/92-dos-estudantes-universitarios-preferem-o-livro-impresso/> Acesso em: 14 fevereiro 2018.

DZIEKANIAK, Gisele et al. Considerações sobre o *E-BOOK*: do hipertexto à preservação digital. **Revista do instituto de ciências humanas e da informação**. v.24, n.2, p.83-89, jul/dez, 2010.

ECO, Umberto. Da internet a Gutenberg. Conferência apresentada por Umberto Eco na The Italian Academy for Advanced Studies in America, 1996. Disponível em: <http://www.inf.ufsc.br/~joao.bosco.mota.alves/InternetPort.html> Acesso em: 10 dezembro 2017

ELISIO, Carla. Direitos fundamentais e os novos direitos. Gosto de ler, 2009. Disponível em: http://www.gostodeler.com.br/materia/14870/direito_autoral.html Acesso em: 22 Junho 2018.

ENSINO: Guia de educação. Saiba as vantagens e desvantagens entre livros impressos e digitais. Estudantes, 2012. Disponível em: <https://canaldoensino.com.br/blog/saiba-as-vantagens-e-desvantagens-entre-livros-impressos-e-digitais> Acesso em: 14 fevereiro 2018.

FACHINETTO, Eliane. **Revista letra magna**, n. 3, 2º semestre, 2005.

FRANCO, Jôsy; SILVA, Nelson. Leitura: habilidade essencial no ensino superior. **Revista núcleo iniciação ciência**. 2012.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri. **O aparecimento do livro**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1958.

FERREIRA, Maria. **A evolução do livro: do papiro ao iPad**. 2010. Dissertação – Departamento de biblioteconomia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2010.

FIGUEIREDO, Andressa. **O livro na era digital: o impacto das novas tecnologias no mercado editorial brasileiro**. 2005. Dissertação – Centro de filosofia e ciências humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. São Paulo: Unesp, 2006

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GASQUE E TESCAROLO. Sociedade da aprendizagem: informação, reflexão e ética. **Ciência da informação**, v. 33, n.3, p.35-40, Brasília, 2004.

GERBER, Regina. Leitura e cognição: propósitos de leitura diferentes influenciam na geração de inferências? **Acta Sci. Lang Cult**, Maringá, v.30, n.2, p139-147, 2008.

GONÇALVES, Lília. A leitura e as novas formas de ler. **Revista eletrônica**, número XXXIV, 32 p., 2010.

GUEDES, Gildásio. Introdução a educação a distância. 143p. Teresina: UFPI/UAPI, 2007.

GOMES ET AL. Educação e novas tecnologias da informação e da comunicação: o livro didático digital no Brasil. NAMID/UFPB. Ano X, n. 7. Julho, 2014.

INFOENEM. Veja qual o perfil do estudante de humanas. 2015. Disponível em: <https://www.infoenem.com.br/veja-qual-o-perfil-estudante-de-humanas/> Acesso em: 14 fevereiro 2018.

JUNIOR, João. Livros digitais: novas oportunidades para os educadores na era web 2.0. Universidade do Minho, 2009.

KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral Autism and Asperger syndrome: an overview. **Rev Bras Psiquiatr**, v. 28, n. Supl I, p. S3-11, 2006.

KLOCK, Umberto. Polpa e papel: tecnologia de produção de polpa celulósica e papel. Curitiba, UFPR, 2014. Disponível em: <http://www.madeira.ufpr.br/disciplinasklock/polpaepapel/Papelhistoria.pdf> Acesso em: 18 fevereiro 2018.

LEFFA, Vilson. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra, 1996

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed.34, 2000.

LINARDI, Fred. Como funcionava a prensa de Gutenberg?. Mundo estranho, 2011. Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/historia/como-funcionava-a-prensa-de-gutenberg/>> Acesso em 29 dezembro 2017.

LOPES, Raimundo. A importância do livro impresso na era da Internet. **Recanto das letras**, 2011.

MACHADO, Arlindo. Fim do livro?. Palestra, estudos avançados,1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n21/13.pdf>> Acesso em 10 dezembro 2017.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?**. São Paulo: Brasiliense, 2006

MESQUITA, Isabel; CONDE, Mariana. A evolução gráfica do livro e o surgimento dos e-books. **X Congresso de ciências da comunicação na região Nordeste**, São Luis, MA, 2008.

MORAES, Léa. A leitura em suporte impresso e digital: modificações nos modos de ler. **XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino**, livro 3, 12 p., Campinas, 2012.

MORO, Eliane; SOUTO, Gabriela. A influência da internet nos hábitos de leitura do adolescente. 2002. Disponível em: <http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/313.pdf> Acesso em 9 dezembro 2017.

MOURA, Anízia; SOUZA, Marília. A construção do hábito da leitura no ensino superior: uma pesquisa de campo no curso de letras da FVJ. **Educação e Linguagem**, n.2, p.23-35, dezembro, 2016.

PACHECO, Pablo. Atual geração lê mais e especialista se preocupa com qualidade. Uberlândia: Correio de Uberlândia, 2015. Disponível em: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/entretenimento/atual-geracao-tem-habito-de-leitura-maior-e-especialista-se-preocupa-com-qualidade/> Acesso em: 14 fevereiro 2018.

PAULINO, Suzana. Livro tradicional X Livro eletrônico: a revolução do livro ou uma ruptura definitiva?. **Hipertextus**, n. 3, junho, 2009.

PHEULA, Arieta; SOUZA, Eduardo. Estudo sobre comportamento dos jovens das gerações Y e Z quando conectados à internet. **Revista de Educação, Ciência e Tecnologia do IFRS**, v.3, n.1, p.54-94, jan/jun, 2016.

PIRES, Erik. A importância do hábito da leitura na universidade. **Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina**. v.17, n.2, p.365-381, 2012.

ROCHA, Heitor. WEBJORNALISMO: dos portais às redes sociais. **Revista observatório**, v.3, n.1, p. 374-395, jan/mar, 2017.

RODRIGUES, Antonio. A evolução da imprensa e a criação do papel. **Recanto das letras**, 2013.

REIS, Juliani; ROZADOS, Helen. O livro digital: histórico, definições, vantagens e desvantagens. **XIX Seminário nacional de bibliotecas universitárias**. 13 p., 2016.

SA, Fernando (org). **Notas sobre a evolução gráfica do livro**. Rio de Janeiro: Faculdades Integradas Hélio Alonso, 2001. v.6, n17. p. 126/148.

SANTOS, Eliezer. **O impacto da reforma protestante na disseminação do livro impresso**. 2012. Dissertação – Centro de educação, filosofia e teologia (CEFT), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

SANTOS, Silmara. A importância da leitura no ensino superior. **Revista de educação**. v.9, n.9, 2006.

SERRA, Liliana. **Os livros eletrônicos e as bibliotecas**. 2015. Dissertação – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVA, Maria. Impresso ou digital? As práticas de ler textos no papel e na tela. **Entretextos**, v.16, n. 2, p. 67-84, jul/dez, 2016.

SILVA, Maria; NUNES, Elane. O hábito da leitura dos universitários. **Revista leitura**, v.2, n.56, p.60-73, jul/dez 2015.

SILVA, Solimar; PESSANHA, Anna. A produção textual e as novas tecnologias: o uso de *blogs* para a escrita colaborativa. **Revista escrita**, n.15, 14 p., 2012.

SILVA, Miguel; BIN, Margarete. A leitura o ensino superior. **Revista travessias**, Cascavel, v.11, n.3, p.360-372, set/dez, 2017.

SILVA, Valéria. A prática de leitura no ensino superior. Web artigos: São Paulo, 2015.

STUMPF, Alexsandro. O livro digital em ambientes virtuais de aprendizagem: utilização da hipermídia como novas possibilidades de leitura. Pelotas RS, 2011.

TAIT, Tania. Evolução da internet: do início secreto à explosão mundial. **Pet informática**. 2 p. 2007.

TELLES, Eugênio. EBOOK, EPUB, livro digital e livro eletrônico: o que são?. Geniusdesign, 2016. Disponível em : <http://www.geniusdesign.com.br/blog/item/151-ebook-epub-livro-digital-e-livro-eletronico-o-que-sao> Acesso em 20 dezembro 2017.

VASSILIOU, M. ; ROWLEY,J. Progressing the definition of “ebook”. **Library Hi Tech**, v.26, n.3, p.355-368, 2008.

WITTER, G. (Org.). **Leitura e universidade**. Campinas-SP, Alínea, 1999.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

Este questionário propõe levantar dados para elaboração de uma monografia de graduação em Biblioteconomia na Universidade de Brasília.

1. Qual é a sua idade ?

- Menos de 20 anos
- 20 a 25 anos
- 26 a 35 anos
- 36 anos ou mais

2. Sexo

- Masculino
- Feminino

3. Área do conhecimento

- Ciências exatas
- Ciências humanas
- Ciências biológicas
- Ciências da terra
- Ciências sociais aplicadas
- Ciências agrárias
- Linguística, letras, artes
- Ciências da saúde

- Engenharia
- Outros

4. Você gosta de ler livros?

- Sim
- Não

5. Costuma ler em suporte impresso ou eletrônico?

- Impresso
- Eletrônico

6. A) Qual a frequência em que lê (IMPRESSO):

- Raramente
- 1 a 3 vezes
- Mais de 3 vezes
- Nunca

B) Qual a frequência em que lê (VIRTUAL)

- Raramente
- 1 a 3 vezes
- Mais de 3 vezes
- Nunca

7. Quantos livros impressos leu esse ano?

- Nenhum
- Um
- Mais de dois

8. Qual encontra com mais facilidade?

- Impresso
- Eletrônico

9. Quantos livros, ou textos digitais leu esse ano?

- Nenhum
- Um
- Mais de dois

10. A) Quais as características mais importantes, para a escolha do suporte digital? Marque duas opções: (DIGITAL)

- Preço
- Facilidade de uso
- Disponibilidade

B) Quais são as características mais importantes, para a escolha do suporte impresso ? Marque duas opções: (IMPRESSO)

- Possibilidade de manuseio
- Melhora da compreensão
- Melhora da concentração

11. Identifique os obstáculos para a leitura do material digital:

- Preço
- Usabilidade
- Disponibilidade
- Outros